



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

ANA BEATRIZ MOREIRA SANTOS DE ALMEIDA

A HOSPITALIDADE ACADÊMICA AO PÚBLICO LGBTQI+:
Entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Ouro Preto
2021

ANA BEATRIZ MOREIRA SANTOS DE ALMEIDA

A HOSPITALIDADE ACADÊMICA AO PÚBLICO LGBTQI+:
Entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção de título de Bacharel em
Turismo pelo Departamento de Turismo –
UFOP.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benediti
Brusadin

Ouro Preto
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A447a Almeida, Ana Beatriz Moreira Santos de .
A hospitalidade acadêmica ao público LGBTQI+ [manuscrito]: entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). / Ana Beatriz Moreira Santos de Almeida. - 2021.
57 f.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Hospitalidade Acadêmica. 2. Hospitalidade - LGBTQI+. 3.
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). I. Brusadin, Leandro
Benedini. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Beatriz Moreira Santos de Almeida

A Hospitalidade Acadêmica ao Público LGBTQI+: Entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em 19 de Abril de 2021.

Membros da banca

[Doutor] - Leandro Benedini Brusadin - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
[Doutora] - Lia Sipaúba Proença Brusadin - University of Florida
[Doutora] - Kerley dos Santos Alves - Universidade Federal de Ouro Preto

Leandro Benedini Brusadin, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28/04/2021



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Benedini Brusadin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/04/2021, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0164499** e o código CRC **C19FAE85**.

Dedico este trabalho aos meus Professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior, que me permitiram completar todos esses ciclos com excelência.

AGRADECIMENTO

À Deus e o Universo pela vida, sabedoria e luz nessa caminhada. Aos meus pais, Rozeni e Macio, por permitirem e apoiarem que eu escolhesse o curso dos meus voos. Meus avós pelas preces e por me ensinarem sobre paciência.

Minha Tia Rozilda que compreendeu, amou e acolheu como mãe. Meu irmão Arthur e prima Luiza, à minha sobrinha Lara, pela alegria e cumplicidade. À Ju por refrescar minha vida. Obrigada pela torcida, afeto e cuidado, família! Aos meus amigos por tornar tudo mais leve, em especial à Thais por sonhar comigo e me manter com os pés no chão.

Agradeço aos meus Professores de Itaobim, Ouro Branco e Ouro Preto. Especialmente ao meu orientador Professor Dr. Leandro Brusadin, por acolher à mim e a minha pesquisa, me proporcionando um valioso crescimento.

Ao DETUR, a UFOP e seus funcionários, obrigada pela hospitalidade, pela Educação Pública e de qualidade para seres e sermos humanos! Completur, obrigada pelas amizades e pela jornada de imenso aprendizado! Às Ciências Sociais, por me transformar como ser social.

Aos entrevistados e banca examinadora, obrigada! E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção e finalização do meu trabalho.

*“já morri diversas vezes
na minha cabeça
nenhuma delas me levou
a total compreensão
do que é o ser infinito*

*somente uma coisa
me fez enxergar e
experienciar isso*

o outro”

- Castello Branco, no livro Simpatia (2016)

ALMEIDA, Ana Beatriz M. S. de. **A hospitalidade acadêmica ao público LGBTQI+**: Entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2021.

RESUMO

A hospitalidade se faz presente no campo das dimensões humanas de sociabilidade e convivialidade, intimamente ligada às relações de trocas no ambiente acadêmico a qual está inserida em uma perspectiva fenomenológica. Nessa lógica, o presente estudo partiu da premissa de compreender como se dão as práticas de acolhimento acadêmico no viés da alteridade, a partir do acolhimento ao estudante LGBTQI+ na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foram identificadas as práticas de hospitalidade e hostilidade neste espaço acadêmico, além de entender os diversos olhares dos estudantes a partir da sua identidade e dos ritos de tradição que ocorrem durante a jornada acadêmica. A metodologia se baseou no levantamento bibliográfico com autores da hospitalidade clássica. Além disso, realizou-se uma pesquisa de cunho exploratório qualitativo com procedimentos da observação participante com a vivência da própria autora da pesquisa. Somado a isso, foram realizadas entrevistas semiestruturada, em modo virtual, a fim de que fosse possível captar os relatos e as vivências de outros sujeitos subjetivamente. Este trabalho possibilitou entender que a hospitalidade deve ser discutida através das unidades de ensino, pesquisa e extensão e integrada de forma mais eficaz dentro do ambiente acadêmico, especialmente na UFOP, para que as relações sociais com o público LGBTQI+ sejam de acolhimento e tolerância. Concluiu-se que a Universidade, enquanto um lugar de diferenças sociais e questionamentos políticos, deve ser um local de (trans)formação e (des)construção em relação ao outro - diferente do meu eu - de modo que a hospitalidade - em seu plural nós - é um fenômeno transgressor para humanizar os conflitos internos e democratizar o paradigma acadêmico social.

Palavras-Chave: Hospitalidade acadêmica; LGBTQI+; Sociabilidade; Universidade Federal de Ouro Preto.

ABSTRACT

Hospitality makes itself present in the field of human's dimensions of sociability and conviviality that is closely connected to the exchange's relations in the academic environment inserted in a phenomenological perspective. By this logic, the present study started from the premise of understanding how academic's practices of hosting works in the bias of otherness from the hosting given to Universidade Federal de Ouro Preto's (UFOP) LGBTQI+ students. There have been identified practices of hospitality and hostility in the academic environment, besides of understanding the several student's views from their identity and the traditional rites that occur during the academic journey. The methodology was based on a bibliographic survey from classic hospitality's authors. Furthermore, a qualitative-exploratory research was made with procedures from the participant observation as of the experience of the author herself. In addition were done semi-structured interviews, in virtual mode, so that it was possible to caption the story and experiences of the interviewed's subjects in a subjective way. This study allowed the understanding that hospitality must be discussed through study units, research and extension and integrated in a more efficient way within the academic environment, especially at UFOP, so that the social relations towards the LGBTQI+ public are as of welcoming and tolerance. It was concluded that the University as a place of social differences and politic's questioning should be a place of (trans)formation and (de)construction when it comes to others - those who are different than me - in a way that hospitality - plurifying the subject, that is "we"- is the transgressor phenomem to humanize internal conflicts and democratize the social academic paradigm.

Keywords: Academic hospitality; LGBTQI+; Sociability; Universidade Federal de Ouro Preto.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. PERSPECTIVAS ANALÍTICAS DA HOSPITALIDADE: ACOLHIMENTO E ALTERIDADE | 13 |
| 1.1 Elementos da hospitalidade e princípios conceituais | 13 |
| 1.2 Dimensões da hospitalidade: Trocas e Dádiva..... | 17 |
| 1.3 Fenomenologia do acolhimento do outro: estranhamento e alteridade | 20 |
| 2. A HOSPITALIDADE AOS ESTUDANTES LGBTQI+ NO AMBIENTE ACADÊMICO NA CONDIÇÃO DO OUTRO..... | 24 |
| 2.1 Processos de Identidade e Alteridade do público LGBTQI+ no cenário contemporâneo..... | 24 |
| 2.2 O acolhimento e a assistência estudantil na UFOP: hospitalidade acadêmica? . | 28 |
| 3. AS PRÁTICAS DA HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE AOS ESTUDANTES LGBTQI+ NA UFOP..... | 35 |
| 3.1 Metodologia da pesquisa adaptada para a pandemia | 35 |
| 3.2 Entre o acolher e o hostilizar: fronteiras ufopianas aos estudantes LGBTQI+ . | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 50 |
| APÊNDICES | 54 |

INTRODUÇÃO

A hospitalidade é o fenômeno de acolher o outro com suas diferenças, ou seja, são atos de reciprocidade por meio de trocas sociais. Através de políticas de hospitalidade têm-se resultados como as interações e integrações humanas, a criação de vínculos entre sujeitos e espaços, além de produzir distintas experiências enquanto seres sociais individuais e coletivos.

Ao caminho contrário da hospitalidade, vê-se um antagonista: a hostilidade, a raiz dos conflitos e fronteiras existentes entre as relações humanas que, dialeticamente, faz parte da própria hospitalidade. A hostilidade põe em xeque as divergências sociais, culturais e territoriais dos seres e, a partir deste contraponto, podemos compreender a questão da alteridade, que pressupõe ser o estranho e o outro.

O presente trabalho teve origem na necessidade de entendimentos sobre o fenômeno da hospitalidade e do acolhimento que se praticam no ambiente acadêmico da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) para com o estudante LGBTQI+. Tais discussões encontram-se na construção do trabalho, aportes teóricos, o objeto de estudo, a metodologia utilizada, bem como os resultados obtidos e as considerações finais acerca do que foi analisado.

Refletir acerca da hospitalidade na Universidade é compreender a dinâmica de sociabilidade e convivialidade juntamente com os estudantes e sua diversidade. E como estes atores são inseridos, recebidos e acolhidos no ambiente acadêmico, no que concerne à uma condição de alteridade, neste caso, o estudante LGBTQI+.

No primeiro capítulo, é feita uma leitura conceitual da hospitalidade e suas questões a fim de entender a estrutura principal da pesquisa, as relações de sociabilidade. Para isso, utilizou-se de autores cujo debate se encontram nos estudos antropológicos e das ciências sociais. A hospitalidade como condição humana e política e não apenas como restrospecto do apelo comercial muitas vezes utilizado no turismo.

Camargo (2002), Brusadin (2020), Grinover (2002), Baptista (2002) e Lashley (2004) auxiliam na compreensão sobre o que é hospitalidade no âmbito social, bem como seus domínios, eixos e dimensões. Mauss (2003), enquanto recursos do conceito da dádiva, contribui com suas reflexões acerca da importância das relações de trocas, para se fazer entender as relações e dinâmicas na sociedade por meio dos rituais antigos. Situamos Derrida (2003) que traz a tona a ideia da hospitalidade incondicional, cujo fenômeno sobrepõe a intolerância diante do contexto de diferença e alteridade. Tais autores nos permitem entender os seres humanos a partir do acolhimento ao outro.

No segundo capítulo é apontado sobre os processos identitários contemporâneos na condição do outro, bem como as práticas de acolhimento que são dadas no ambiente da UFOP para o estudante LGBTQI+ e, a partir disso, compreender e dar luz aos conceitos de hospitalidade na academia, algo incipiente discutido e aplicado nas políticas de assistência estudantil.

Para as reflexões acerca dos processos de identidade foram utilizados autores como Simões e Facchini (2008), Butler (2003), Silva (2006) e Grinover (2006), trazendo aspectos para se fazer entender as questões da identidade enquanto cultura, sexualidade e os conflitos por trás destas premissas, bem como compreender mais sobre as peculiaridades da comunidade LGBTQI+.

Para discorrer sobre hospitalidade acadêmica, Dutra (2008), Ferreira (2015), Gotman (2013), Brusadin e Netto (2016) e Spolon (2014) explicitam sobre conceituações da hospitalidade e através disso, onde são feitas contextualizações com o histórico dos projetos de acolhimento da UFOP para entender como se dá a dinâmica da hospitalidade através das ações institucionais de acolhimento.

O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada bem como a exposição dos resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos pesquisados, abordando seus respectivos olhares acerca da hospitalidade, do acolhimento, da identidade LGBTQI+ enquanto estudantes e os rituais de de tradição na Universidade.

Tem-se nessa pesquisa o objetivo de compreender como se dá a dinâmica do acolhimento LGBTQI+ na Universidade Federal de Ouro Preto a partir da hospitalidade. E esta problemática é aprofundada a partir dos objetivos específicos de identificar as práticas de hospitalidade e hostilidade, além de debater como os alunos se sentem com os desdobramentos das relações e entender os seus múltiplos olhares.

Para alcançar os objetivos foram utilizados certos processos metodológicos, como pesquisa bibliográfica, a observação participante e entrevistas semi estruturadas aplicadas aos estudantes LGBTQI+ da UFOP, de forma que fosse possível compreender as perspectivas de cada um através das vivências naqueles espaços. Gil (2002) foi um dos autores utilizados a fim de fundamentar os métodos utilizados.

Por fim, pode-se dizer que, em termos conceituais, Derrida (2003) nos permitiu entender a fenomenologia do acolhimento ao outro e Mauss (2003) entender os pontos relativos à sociabilidade.

As considerações finais resgatam os fundamentos da hospitalidade incondicional, bem como a dimensão da dádiva, para que seja possível buscar um equilíbrio nas relações sociais

de trocas a partir do acolhimento ao outro. A hospitalidade vem a tona para que haja na Universidade integração entre os estudantes, os setores de ensino, extensão e pesquisa, e também, para que se construam um ambiente mais democrático, inclusivo e assistido, livre de construções e preconceitos para com o estudante LGBTQI+ . A partir de tal, os atores sociais envolvidos possam se encontrar, se incluir e se transformar.

1. PERSPECTIVAS ANALÍTICAS DA HOSPITALIDADE: ACOLHIMENTO E ALTERIDADE

No presente capítulo foi abordado as conceituações acerca da temática da hospitalidade e suas questões com foco, sobretudo, no alicerce desse estudo: as relações de sociabilidade. Dentro deste contexto foi feita uma leitura sobre o tempo e espaço da hospitalidade, suas dimensões e leis e reflexões mais profundas sobre a dádiva, fenomenologia do acolhimento ao outro, da alteridade e da tolerância frente às transformações que estas práticas propiciam nos espaços, procedendo experiências subjetivas. Para isso, recupera-se reflexões de autores clássicos da hospitalidade, como Mauss e Jacques Derrida, para basear o estudo, além de outros mais.

1.1 Elementos da hospitalidade e princípios conceituais

As concepções acerca do estudo da hospitalidade abrangem na sua totalidade um campo multidisciplinar de conhecimento e domínio diversificado. Transpassa desde as questões antropocêntricas de convivialidade e sociabilidade até o campo comercial. As principais conceituações se fazem necessárias para compreender a epistemologia da hospitalidade e seus processos por trás do resgate de bem-estar, das interações sociais e cordialidade, no tempo e espaço dos indivíduos, sejam eles privados, públicos, culturais ou naturais.

Preliminarmente é imprescindível compreender o termo hospitalidade. Em latim, leia-se: *hospitalitas*, advindo da palavra *hospitalis* e tem-se como derivado *hospes*. Assim sendo, o que vem a ser hospitalidade?

Grinover (2002) define que tal termo é referente à todos aqueles que são acolhidos gratuitamente. Além disso, de acordo Stefanelli (2015, p. 17) a hospitalidade pode se desdobrar a partir de duas partes envolvidas: “o “eu” e o “outro”; dá-se então um movimento cíclico de manutenção das relações sociais, indicando que cada ser humano nesse contexto atua em diferentes papéis: ora como doador ou anfitrião, ora como receptor ou hóspede”. Compreender hospitalidade então, é pensar em vínculos e entregas humanas através da disponibilidade de acolher o outro antes de si mesmo. Dias e Brusadin (2020, p. 1) mostram que “A hospitalidade é o ato de acolher o outro de forma que situe, gratuitamente e assimetricamente, o outro além de nós próprios.”

A hospitalidade pode ser compreendida, também, sob diferentes perspectivas que vão além dos termos científicos. É identificada, por exemplo, nos fundamentos religiosos desde os primórdios da vida humana. São diversas as religiões as quais abordam o ato de acolher o estranho, principalmente nos espaços domésticos. Camargo (2002) afirma que a hospitalidade é ressaltada sem exceções em todas as religiões.

É fundamental destacar abordagens dos variados períodos cronológicos da história humana, uma vez que as conceituações sofrem diferentes variações ao decorrer do tempo dentro de cada sociedade. Belchior e Poyares compreendem a hospitalidade no seu cerne com um conceito abordado na década de 1980:

A prestação, gratuita ou não, de serviços obtidos normalmente por uma pessoa em seu próprio lar, mas que, por não possuí-lo ou por estar dele ausente, temporariamente, não os tem à sua disposição. Basicamente, abrange leito e/ou alimentação. Quando são oferecidas acomodações para repouso ou descanso, caracteriza-se a hospedagem, quer seja ou não acompanhada de refeições. Ao se oferecer apenas as refeições, existirá a hospitalidade, mas não hospedagem. (BELCHIOR e POYARES, 1987, p. 16 apud DIAS, 2002, p. 102)

Diversas análises enfocam sobre o ato de hospedar acrescido de alimentação e bebida, como citado anteriormente. Kearney (2011 apud Lashley, 2015), defende que essa oferta no ritual trata-se de princípios morais e característico do comportamento humano, esta análise aproxima-se das concepções religiosas que estão enraizadas nas práticas da hospitalidade.

Telfer (2004, p. 54) define do seguinte modo: “hospitalidade é a oferta de alimentos e bebidas e, ocasionalmente, acomodação para pessoas que não são membros regulares da casa”. Além disso, a autora enfatiza que não basta meramente ser hospitaleiro para ser um bom anfitrião, é preciso seguir todos os padrões culturais e de crenças para que haja a ânsia de receber alguém e que o ritual ocorra de forma literal. Com isso, as abordagens dos respectivos autores citados, se confluem para uma ideia em comum da hospitalidade, pensada com efeitos de satisfazer os indivíduos nos lares durante a hospedagem, seja com bebidas ou alimentação.

Em um conceito mais amplo e direcionado para as relações interpessoais sobre hospitalidade, Camargo (2007) identifica que esta pode ser entendida como uma característica do efeito de encontrar, de hospedar e de receber alguém. Ou seja, a união do anfitrião com o hóspede em um dado momento, reciprocamente. Baptista (2002, p. 157) conceitua também que “hospitalidade é um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”.

Seguindo por este conceito, Camargo (2007) defende uma abordagem mais analítica da epistemologia da hospitalidade. Para que se tenha um entendimento mais sólido acerca deste conceito é necessário um aprofundamento além de um simples ato de receber alguém. Isto é, pensar na qualificação da prática: receber alguém, bem. Em concordância com esta afirmação, Montandon (2003) entende que hospitalidade não se limita apenas ao recebimento, mas sim aos laços criados a partir da interação.

Ou seja, diante destes termos expostos, a hospitalidade não se reduz apenas ao ato de hospedar, diz respeito à doação ao outro, a partir de ações simples como a de alimentar, de receber, de estar de portas abertas para aquele que chega, de oferecer o que tem, permitir que o outro entre e sinta-se em casa e “colocar a disposição o melhor do que somos” (DIAS e BRUSADIN, 2020, p. 3)

Segundo Castelli (2006, p. 2) “hospitalidade consiste na ação voluntária de inserir o recém-chegado em uma comunidade possibilitando o benefício das prerrogativas relacionadas ao seu status, seja ele provisório ou definitivo”. Já Lashley (2004) disserta que hospitalidade são relações baseadas em deveres recíprocos e oportunidades de encontro, uma vez que o hóspede se torna anfitrião em um determinado tempo e vice-versa. O ponto de interseção destas abordagens aqui mencionadas é na hospitalidade pensada como um efeito produzido a partir dos encontros e conexões interpessoais, de chegar diante dos outros, e incluir indivíduos de alguma forma no cotidiano social.

Celia Dias (2002) reitera que o conceito de hospitalidade apresenta uma vasta amplitude de abordagem. Envolve todos os aspectos dos espaços, sejam dos naturais e culturais aos negócios mercadológicos. Defende que a noção de hospitalidade “traduz-se como ato de acolher, hospedar; a qualidade do hospitaleiro; boa acolhida; recepção; tratamento afável, cortês, amabilidade; gentileza” (p. 98).

Uma manifestação confundida com a hospitalidade é a cordialidade, desta forma Ferreira discorre que cordialidade “é algo relativo ao coração: afetuoso, franco, sincero e que estimula” (LASHLEY e MORRISON, 1986 apud BARBOSA, 2007). Por outro lado, a hospitalidade é relativa aos prazeres de receber alguém.

Estes termos estão interligados diretamente uma vez que para ser um anfitrião hospitaleiro é preciso manifestar-se cordial, mas não necessariamente alguém cordial é um anfitrião hospitaleiro. Lashley e Morrison (2004 apud Barbosa, 2007, p. 53) compreendem que “outros elementos que formam a hospitalidade é a amizade, o carinho, atenção e prestatividade com aquele que está longe da sua residência”

Por outro lado, é possível visualizar perspectivas do estudo da hospitalidade tanto como um produto de mercado e uma ciência social. Neste caso, Camargo (2002) reflete sobre a ambiguidade existente na noção de hospitalidade, a qual têm se uma instância estudada unicamente pelos domínios mercadológicos, outra pelo fato social de receber pessoas.

A primeira perspectiva, que é apenas uma parcela da ciência da hospitalidade, enfoca-se nos seus ritos, como os padrões e etiquetas a serem seguidos nos meios de consumo, como hotéis e restaurantes: A “indústria da hospitalidade”, pensada pelo viés da hotelaria, da gastronomia e do turismo. A segunda, diz respeito a parte sensitiva e antropológica: o ato de receber os seres humanos bem e dignamente.

Grinover (2002) evidencia que só a partir dos processos de globalização que foi possível pensar cientificamente na hospitalidade além dos conceitos mercadológicos, como a hospitalidade estudada na Escola Francesa e que aqui foram pesquisados.

O conceito epistemológico de Baptista entende a hospitalidade genuína como prática transformadora de lugares e espaços através de demonstrações de bem-receber e elemento fundamental para a aproximação de pessoas:

A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana. Portanto é urgente transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade. Não uma hospitalidade convencional ou artificial, reduzida a um ritual de comércio e falsa cortesia, mas uma hospitalidade ancorada no carinho e na sensibilidade que só podem ser dados por outra pessoa. (BAPTISTA, 2002, p. 162)

Sendo assim, é indispensável compreender as noções sobre a hospitabilidade. Em outras palavras, tal termo refere-se à hospitalidade de forma genuína. Telfer (2000 apud Lashley, 2015) destaca então, sentimentos que devem advir do anfitrião para que ocorra a prática da hospitabilidade: desejos altruístas que beneficiam outrem antes de si mesmo, como os de querer agradar, entreter, fazer amigos, suprir as necessidades do outro, desejar receber e conviver com pessoas.

As abordagens acima baseiam-se na noção de uma hospitalidade genuína e afetiva, baseada nas relações de trocas simbólicas e como manifestação transformadora da sociedade, e não como uma cortesia figurada, ou seja, atuações ilegítimas, sem sentimentos. E a partir disso, foram referenciados e salientados daqui por diante conceitos com base nesta perspectiva. O enfoque dado terá como aporte teórico a sociologia do autor Marcel Mauss

(1923-24), na busca pela demonstração do valor das relações sociais como superior ao valor das coisas.

1.2 Dimensões da hospitalidade: Trocas e Dádiva

No livro *Ensaio sobre a Dádiva*, Mauss (2003) compreende a dádiva, as relações de troca, em distintas civilizações como manifestações da alma e peça precursora dos processos de sociabilidade, ou seja, a comunicação, as aproximações e interações humanas. Mas afinal, qual o objetivo da dádiva?

Segundo Mauss (2003, p. 211) “é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas”. Caillé propõe que é “toda prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social” (2002, p. 142). Já Godbout defende que a dádiva tem como objetivo para:

Se ligar, para se conectar à vida, para fazer circular as coisas num sistema vivo, para romper a solidão, sentir que não se está só e que se pertence a algo mais vasto, particularmente a humanidade, cada vez que se dá algo a um desconhecido, um estranho que vive do outro lado do planeta, que jamais se verá. (GODBOUT, 1998 apud PIMENTEL, *et al.* 2007, p. 29)

Estas trocas humanas são abordadas também como atos que podem vir a ser voluntários e obrigatórios, interessados ou desinteressados, simultaneamente. Ordenada por Mauss (2003) como três obrigações: “dar, receber e retribuir”, uma prática de tríplice deveres baseadas nos atos da hospitalidade. A partir daí, Lanna (2000) destaca que Mauss defende acordos como os diplomáticos, religiosos, matrimoniais, políticos, econômicos e de hospitalidade como “alianças” abordadas e produzidas dentro dos efeitos da dádiva.

Depois disso, alcança-se então a hospitalidade enquanto dimensão da dádiva e como um dos principais fundamentos da socialização humana. Dencker clareia esta ideia da prática enquanto manifestação das relações.

A hospitalidade manifesta-se nas relações que envolvem as ações de convidar, receber e retribuir visitas ou presentes entre indivíduos que constituem uma sociedade, bem como formas de visitar, receber e conviver com indivíduos que pertencem a outras sociedades e culturas; desse modo, pode ser considerada com a dinâmica do dom. Todas as sociedades têm normas que regulam essas relações de troca entre as pessoas, o que parece demonstrar que, de alguma maneira, elas atendem a uma ou mais necessidades humanas básicas. (DENCKER, 2003, p. 189)

Nestas relações de troca, o anfitrião e o hóspede obedecem às leis da hospitalidade mutuamente, manifesta-se então uma obrigação de reciprocidade, e a vida social pode ser compreendida como um ciclo contínuo de dar, receber e retribuir. Para elucidar esta afirmação, em uma intertextualização da obra de Mauss, Camargo explica que “a retribuição é uma nova dádiva que implica em um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons, num processo sem fim” (2004, p. 16).

Para clareza do estudo da hospitalidade como processo é necessário entender profundamente seus principais domínios e dimensões, ou seja, os eixos de tempo e espaço. São delimitados por Camargo (2003), o eixo cultural e o social. O primeiro evidencia todas as ações humanas correspondentes às práticas da hospitalidade: alimentar, recepcionar, entreter e hospedar. O segundo determina os moldes e incorporações sociais envolvidos aos aspectos físico-ambientais dos espaços, respectivamente. Compondo-se assim as dimensões da hospitalidade doméstica, pública e comercial.

Camargo (2007) aborda a hospitalidade doméstica como a prática mais antiga e típica da hospitalidade, além disso a define como a “matriz” de todas as outras (p. 718), a qual recebe e hospeda pessoas no próprio lar e onde tem-se o maior número de leis não escritas, ou seja, regido pelo sistema de dádivas e obrigações que devem ser mutuamente seguidas. Fagundes (2009) defende que esta dimensão promove uma maior aproximação do hóspede com a rotina do receptor, além deste receber uma maior cautela e cortesia na sua acolhida.

Na próxima dimensão Camargo entende que:

Hospitalidade pública é a hospitalidade que acontece em decorrência do direito de ir-e-vir e, em consequência, de ser atendido em suas expectativas de interação humana, podendo ser entendida tanto no cotidiano da vida urbana que privilegia os residentes, como na dimensão turística e na dimensão política mais ampla – a problemática dos migrantes de países mais pobres em direção aos mais ricos. (CAMARGO, 2004, p. 54)

Neste sentido, Grinover (2007) mostra que as interações e direitos humanos nos espaços públicos, como a cidadania igualitária, somada com os aspectos físicos-ambientais e estruturais, como a acessibilidade, acesso à saúde e cultura, são características fundamentais para a consolidação de um ambiente hospitaleiro. Em confluência com estas reflexões Silva e Brusadin (2014, p. 145) reflete que a a hospitalidade pública refere-se aos “aspectos infra-estruturais e visuais oferecidos e disponíveis aos cidadãos, ao direito de ir e vir dos mesmos, permitindo-lhes o acesso a esses espaços com conforto e segurança”.

Sobre a dimensão urbana Silva e Brusadin (2014, p. 145) apontam que “hospitalidade urbana é responsável pela impressão que o visitante terá do local, assim como, todas as relações físicas e não físicas do habitante para com a cidade.”

Silva e Brusadin (2014, p. 146) argumenta que independente das dimensões e tipos o que importante na hospitalidade é “a relação de troca baseada na mutualidade”. Goudbout (1999) e Camargo (2004) defendem a dádiva como atos gratuitos, cuja reciprocidade e espontaneidade são as principais características. A dádiva pode ser visivelmente vista tanto nas instâncias domésticas como nas públicas, e assim, pode se estruturar como hospitalidade social em razão das trocas e interações humanas.

Entende-se que quando os deveres e obrigações expostos anteriormente não são cumpridos, acarreta o inverso da hospitalidade: a hostilidade. Seguindo pela análise da mesma obra de Mauss, Lanna (2000) elucida a relevância de ter-se um sentimento de identificação, de empatia durante as conexões de troca. Se colocar no lugar do outro e ter esta compreensão, ora do anfitrião na acolhida ora do hóspede na estadia, cria uma relação e percepção de alteridade, aumentando ainda mais a afinidade, particularidade e qualidade do encontro. Não existindo tais trocas, entende-se como uma prática hostil.

Para esclarecer a compreensão acerca da importância da proximidade, Baptista escreve que:

O mistério que é próprio da subjetividade nunca poderá ser possuído como coisa ou alimento, o que não significa que não se pode, (ou deve) tentar a relação com esse mistério, procurando criar lugares de comunicação. De contato e de proximidade. Pelo contrário, só com uma relação de proximidade é possível abraçar verdadeiramente a aventura da descoberta, da realização e da superação de nós mesmos. A hospitalidade então apresenta-se como experiência fundamental, constitutiva da própria subjetividade, devendo como tal ser potenciada em todas as suas modalidades e em todos os contextos de vida. (BAPTISTA, 2002, p. 157-8)

Nesse mesmo sentido das relações de troca, Camargo (2004) acrescenta sobre as leis não escritas da hospitalidade, as quais a dádiva deve ser recebida e retribuída em um dado momento. Porém, como nem sempre têm-se este resultado, é encontrado na dádiva uma dissonância que não se adequa a igualdade. A alteridade passa a existir dentro do ritual.

Seguindo as abordagens citadas, propõe-se o avanço da epistemologia da hospitalidade pensada através das alianças sociais com a pluralidade, ou seja, as interações, integrações, comunicações e relações comuns da sociedade com o outro. Desta forma, foi evidenciado as

contribuições teóricas do filósofo Jacques Derrida em busca das conceituações do receber em relação à alteridade como movimento principal do acolhimento humano.

1.3 Fenomenologia do acolhimento do outro: estranhamento e alteridade

No acolhimento ao estrangeiro é possível notar antes de tudo uma desigualdade no que diz respeito à localização. Por um lado têm-se o acolhedor no seu lar e no outro, o acolhido fora do seu ambiente. Para compreensão acerca da questão do estrangeiro é preciso compreender algumas sustentações. Grassi (2011) afirma que para esta característica existir é preciso que a pessoa seja um desconhecido, estar de passagem, vir de fora e possuir hábitos distintos do que o lugar que está prestes a ser acolhido. O acolhimento ao estrangeiro foi aprofundado aqui com algumas conceituações amplas e clássicas acerca do estudo.

Derrida (2003) entende a noção de hospitalidade como acolhimento na alteridade quando praticada de forma gratuita e incondicional a qual é defendida juntamente com um conjunto de responsabilidades e reciprocidades dentro do encontro entre o eu (acolhedor) e o outro (acolhido). Para isso, o autor reflete e baseia-se num estado de particularidade, “a justiça”. Assim, transpassa por questões filosóficas, baseadas na ética e moral e por outro lado, na desconstrução, por meio da justiça e da lei. É por estas vias citadas anteriormente que entende-se a hospitalidade, o acolhimento humano ligado à tolerância dentro da alteridade.

As abordagens de Jacques Derrida considera que a hospitalidade é preliminarmente a conduta do receptor em relação ao acolhido. Com isso, enfatiza também que todos os encontros hospitaleiros com o outro são voluntários e deverá ser tolerante e livre de qualquer tipo de hostilidade, mas antes é preciso entender o que é o outro: Derrida (2003) mostra que o outro são aqueles que chegam, os estrangeiros, que não falam a língua dos seus acolhedores.

Mas o que vêm a ser hospitalidade incondicional? Derrida disserta:

A palavra “hospitalidade” vem aqui traduzir, levar adiante, re-produzir as duas palavras que a precederam: “atenção” e “acolhimento”. Uma paráfrase interna, também uma espécie de perífrase, uma série de metonímias expressam a hospitalidade, o rosto, o acolhimento: tensão em direção ao outro, intenção atenta, atenção intencional, sim ao outro. (DERRIDA, 2008, p. 40)

Nesse mesmo viés, Baptista (2014, p. 143) escreve que “a noção de hospitalidade refere-se a um modo fundamental de ser pessoa, sendo com e para o outro em comunidade de solidariedade e justiça”. Desta forma, entende-se que a noção de acolher e de atender o outro é o alicerce fundamental para compreensão da hospitalidade humana.

A disponibilidade do acolhedor para se abrir e receber alguém que chega de forma inesperada ou não, conhecido ou estranho, com diferenças ou não, são os efeitos que legitimam a hospitalidade humana incondicional. Rodrigues (2015, p. 14) sustenta esta ideia quando disserta que a “hospitalidade é um fenômeno humano e cultural, que se expressa na atitude de abertura incondicional ao outro, que surge no horizonte como solicitante ou convidado para compartilhar um espaço”.

Miranda (2006, p. 410) enfatiza que a responsabilidade de receber o outro na alteridade, o acolher sem pressuposições ou julgamentos, são as premissas estruturadoras para o acolher ético e genuíno: “acolher o outro na sua radical alteridade consiste em resistir à sedução de abordá-lo como tema, uma resistência ética que visa a não representar a sua imagem desprovida de existência, não transformar sua diferença em objeto de assimilação”

Derrida sustenta sobre dizer sim para o receber e para o acolher ao outro que chega:

Digamos sim ao que chega, antes de toda determinação, antes de toda antecipação, antes de toda identificação, quer se trate ou não de um estrangeiro, de um imigrado, de um convidado ou de um visitante inesperado, quer o que chega seja ou não cidadão de outro país, um ser humano, animal ou divino, um vivo ou morto, masculino ou feminino [...] A lei da hospitalidade, a lei incondicional da hospitalidade ilimitada (oferecer a quem chega todo o seu *chez-soi* e seu *si*, oferecer-lhe seu próprio, nosso próprio, sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição). (DERRIDA, 2003, p. 69)

Nesse momento, durante a aproximação do acolhedor com o outro, surge uma inserção de diferentes identidades ao longo da experiência de acolhida. Dutra (2008, p. 16) defende que “de um ponto de vista teórico, os conceitos de identidade e diferença aparecem intrinsecamente ligados um ao outro, pois um desconhecido se tornará conhecido através da sua identidade”. A questão da identidade admite que é a partir delas que surgem as diferenças, lidar com o outro, com a língua e o lugar distinto produz as relações e permite que o estrangeiro seja o outro. São estes os pontos que estão imbricados dentro do contexto da hospitalidade plural.

Comandulli (2016) explica que a hospitalidade pode ser o alicerce para acabar com as fronteiras identitárias, lidar com as alteridades culturais e humanas e garantir a justiça por meio de uma prática de acolhimento

A questão fundamental da hospitalidade certamente transcende a fenomenologia das práticas culturais, e não por isso deixamos de concordar que a hospitalidade é um fenômeno cultural. Porém, se consideramos a

transcendência da hospitalidade com relação à cultura e às culturas, se queremos significar o acolhimento do outro para além da horizontalidade histórica e cultural, aqui se impõe uma filosofia mais exigente da hospitalidade, que não nega a condição ontológica da cultura, mas que a problematiza. [...] Aqui se trata de alertar para a ingenuidade de acreditar que basta respeitar as diferenças culturais, que basta aprender a tolerar o outro para, finalmente, realizar a justiça e garantir a paz. Não basta, é preciso algo mais exigente, porque a questão da alteridade é exigente, e porque se trata de reconhecer tal exigência. A hospitalidade é incondicional, mas ela está condenada às suas formas culturais. Se aceitarmos, e isso nos convém, que a cultura é o espaço da liberdade, é possível sustentar, então, que a hospitalidade é o que move a liberdade, a hospitalidade é o combustível da liberdade e, portanto, da cultura. (COMANDULLI, 2016, p. 14-15 apud FARIA, 2015)

O acolhimento reflete que o receptor permite que o estrangeiro seja o outro dentro daquele espaço. Além disso, as experiências criadas a partir desses laços mostram a virtude subjetiva humana. Koakoski disserta que:

A hospitalidade é o ‘outro em minha casa’ e a subjetividade humana é a pele do outro sob ‘minha pele’. A casa hospitaleira é o que pré-originalmente (antes da chegada do hóspede) tem o hóspede dentro de si. [...] Se o hóspede está na casa é porque sua pele já estava dentro da pele do hospedeiro. O outro ‘me concerne’ por isso, sou subjetividade humana. (KOAKOSKI, 2018, p. 61 apud COSTA, 2000, p. 178-179)

Abordar a hospitalidade dentro das conceituações derridarianas é pensar nas condutas do eu (acolhedor) frente à outrem (acolhido), e não ao contrário: o outro em relação ao eu. Desta forma, a articulação da hospitalidade filosófica dentro da alteridade é uma responsabilidade que busca a ruptura dos traços de hostilidade no acolhimento, enfocando sobretudo na busca do comportamento não egoísta em relação aos acolhidos.

Derrida compreende que paulatinamente a experiência com o outro traz um sentimento de familiaridade e com isso é possível vivenciar uma realidade cada vez mais semelhante com a dos outros.

Quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de outro. (DERRIDA, 2003, p. 28)

Seguindo as abordagens e a fenomenologia da alteridade, foram estudados daqui por diante o acolhimento ao estudante LGBTQI+ especificamente no espaço acadêmico, onde o

sentimento de familiaridade é fundamental para a sociabilidade e para a jornada estudantil.
Por que vê-se a comunidade LGBTQI+ como o outro?

2. A HOSPITALIDADE AOS ESTUDANTES LGBTQI+ NO AMBIENTE ACADÊMICO NA CONDIÇÃO DO OUTRO

Neste capítulo foi abordado reflexões sobre a alteridade ao público LGBTQI+, ou seja, pretende compreender a forma como esta comunidade é vista na condição do outro. Além de expor sobre os processos identitários no cenário contemporâneo, situamos as ações afirmativas que visam a inclusão social. Também foi conceituado acerca da hospitalidade acadêmica, foco da presente pesquisa, em seu caráter de assistencialismo diante dos processos de hostilidade entre membros e não membros de um dado grupo de orientação sexual não hegemônico.

2.1 Processos de Identidade e Alteridade do público LGBTQI+ no cenário contemporâneo

Para uma melhor compreensão sobre o motivo pelo qual vê-se a comunidade LGBTQI+ como alteridade, como o outro, é relevante citar aqui as evidências para tal. A segregação dentro do meio social quanto à orientação sexual é um fato antigo e cada vez mais notório. Aqueles que não seguem os padrões de heteronormatividade, são indivíduos que não são integralmente aceitos e incluídos em diversas instâncias sociais, sobretudo dentro dos processos de convivialidade e sociabilidade.

Para entender os sujeitos LGBTQI+ como o outro no contexto da hospitalidade, na leitura de Derrida (2003, p. 15) pode ser o “visitante absolutamente estranho, como um recém chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro. Ou seja, o LGBTQI+ em um sociedade que predomina indivíduos heteros, é o estrangeiro que chega de outro território, e o tratamento dado a ele coloca em evidencia os princípios da hospitalidade.

Simões e Facchini (2008, p. 12) refletem e confirmam a narrativa dos dramas vividos a partir das orientações sexuais alheias: “Em torno da sexualidade e de suas múltiplas expressões, discursam múltiplas vozes discordantes tentando se sobrepor umas às outras”. Butler (2003, p. 41) menciona na sua obra sobre como a narrativa hegemônica é reconhecida como única e ideal aos olhares sociais “A gramática substantiva do gênero que supõe homens e mulheres assim como seus atributos de masculino e feminino é um exemplo de sistema binário a mascarar de fato o discurso unívoco e hegemônico”.

Além desse contexto da hegemonia sexual, há uma instância que corroborou para que a identidade coletiva viesse a seguir os padrões ocidentais: a religião. Silva (2006, p. 53)

escreve acerca desta premissa: “A sexualidade sempre foi um foco importante do controle exercido pela religião”. E dentro deste contexto de controle social e de discriminação, seguimos como fato acerca das hostilidades: Silva (2006, p. 42) “A religião, bem como a moral judaico-cristã, também seriam uma fonte de contribuições à homofobia, visto que condenam toda relação sexual sem fins reprodutivos da espécie”. No entanto, como já exposto anteriormente, Camargo (2002) afirma que a hospitalidade sempre foram preceitos e condutas advindas as religiões.

Desta forma, como compreender a hospitalidade diante das alteridades sociais no cenário moderno? Em entrevista concedida à Marie Raynal (2013) Anne Gotman confirma que “na modernidade, a hospitalidade não tenha boa reputação”. Gotman reforça que “as leis da hospitalidade não se adaptam bem com a noção de igualdade porque comportam a desigualdade, assimetria entre um que é o dono da casa e o outro que não está em casa” (RAYNAL, 2013, p. 151). Diante disso, vemos que a assimetria do público LGBTQI+ em relação aos demais atores sociais, se encontra nas limitações impostas em relação às suas respectivas orientações e identidades sexuais.

No contexto contemporâneo a mídia surge também como uma controladora social, onde vê-se padrões sendo comercializados e o capitalismo surge maquiando uma realidade que se encontra cada vez mais pluralizada. Na seguinte afirmação Kellner defende que o mercado utiliza-se de mecanismos de inclusão destes atores sociais como ferramentas de vendas para promover o consumo, corroborando para uma falsa narrativa de apoio:

A diferença vende. O capitalismo deve estar constantemente multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar absorvendo os consumidores para as suas práticas e estilos de vida. A mera valorização da “diferença” como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos se a diferença em questão e seus efeitos não forem suficientemente aquilatados. (KELLNER, 2001, p. 27 apud BORTOLLETO, 2019, p. 16)

Até aqui foram citados algumas das principais formas de controle social as quais surgem padronizando pessoas e corroborando para uma narrativa segregadora e de exclusão social cujo objetivo é idealizar um modelo único, principalmente em relação ao gênero e sexualidade dos indivíduos. A hospitalidade, sob o ponto de vista do estudo das relações sociais entre diversos grupos, se propõe a pensar nas transformações destas realidades impostas. Salles *et al.* (2010, p. 12) entende que compreender a hospitalidade é “um caminho fértil para o entendimento da complexidade das relações sociais no mundo contemporâneo

globalizado, em que as fronteiras não são rígidas e aparentemente se diluem, mas que de fato aprofundam as diferenças e desigualdades.”

No entanto que, de acordo Brusadin e Netto (2016, p. 536) “A ideia de hospitalidade não implica a inexistência de hostilidade e não deixa de lado as formas arbitrárias de dominação e manipulação.” Por isto é importante compreender que atos preconceituosos que segregam grupos em detrimento das suas orientações sexuais, são atos hostis. Silva reflete sobre a homofobia e disserta que o opressor primeiro transforma a conduta homossexual numa incoerência, para que assim a violência possa ser justificada por este motivo:

Uma das dimensões da homofobia, justificadora, precariamente, porém de modo eficaz, das estreitas ideologias definidas dentro da heterossexualidade obrigatória, consistem em tornar incoerente o desejo homoerótico, como parte integral do processo de sua eliminação. Convém ressaltar: a homofobia não é incoerente; a homofobia trabalha, de um modo muito direto, pelo menos quanto à violência física, psicológica e verbal, como se defendesse, sempre, a heterossexualidade. (SILVA, 2006, p. 44)

Assim, a comunidade LGBTQI+ se vê em um lugar de alteridade em relação àqueles que dela não fazem parte. E aqui é importante mencionar que estas “diferenças” forçadas socialmente geram uma série de conflitos. Silva (2014, p. 8) confirma tal argumentação ao discorrer que “o outro cultural é sempre um problema, pois coloca permanentemente em xeque nossa própria identidade”. Grinover (2006, p. 44) ao citar Hall concretiza esta questão quando diz que “as crises de identidade” é parte de um processo amplo e universal, de mudanças que abalam as referências dos indivíduos ancorados naquele mundo.”

Lidar com as diferenças, com o outro, tem uma relação direta com os conflitos internos dos sujeitos individuais e coletivos da sociedade. Grinover (2006, p. 48-49) traduz esta afirmação ao discorrer que essas desordens nos laços sociais implicam na hospitalidade “conflitos próprios interpessoais, ligações sociais que podem se tornar também conflitos próprios da hospitalidade.”

Braga *et al.* (2013, p. 61) escreveu que: “O que está em evidência é que o sujeito está composto de várias identidades, que vai adquirindo através de interconexões com outras culturas e costumes, podendo obter como consequência crises de identidades e contradições do seu eu.” Ou seja, a partir disso vemos que a hospitalidade como resultado das conexões entre sujeitos está diretamente inserida na problemática dos conflitos sociais ao lidar com as diferenças do outro social.

Silva traz uma importante reflexão sobre os conflitos vividos pelo outro, e no caso do respectivo estudo, ao público LGBTQI+, e em como as práticas de hostilidade reverberam para que estes grupos se fortaleçam, se multipliquem e busquem incessantemente por condutas mais hospitaleiras e igualitárias:

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar - reforçado e multiplicado. E o problema é que esse "outro", numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (SILVA, 2004, p. 8)

Como citado acima, para refletir acerca da multiplicidade do Movimento LGBTQI+, é importante citar algumas das manifestações que surgem como precursoras na luta pelos direitos das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero, Queers, Intersexuais e mais no contexto social. Direitos estes que não são integralmente garantidos, uma vez que determinados Estados enquanto responsáveis pela criação e efetivação de políticas públicas surgem mais como uma barreira do que como solução na busca pela igualdade.

Simões e Facchini (2008) separam a trajetória dos movimentos em defesa da homossexualidade em “três ondas” (p. 14). A primeira refere-se às movimentações no período do regime militar, a segunda dos anos 80, a qual cita a epidemia do HIV e a terceira, que refere-se ao momento multiplicador, que surgem então as Paradas do Orgulho LGBT. Para dar sentido a estas manifestações Simões e Facchini dissertam que:

As paradas, como manifestações de visibilidade de massa, marcam a expressão social e política do movimento LGBT dos últimos anos e são, também, um terreno privilegiado para se apreciar o cruzamento das diversas conexões do movimento com o mercado e o Estado. (SIMÕES E FACCHINI, 2008, p. 150)

Portanto, podemos dizer que a Parada do Orgulho LGBTQI+ surge como uma ação afirmativa que vem conquistando um grande espaço e visibilidade social. A luta contra a homofobia é uma das principais características identitárias desta comunidade, além das lutas individuais de cada sigla deste grupo. A garantia dos direitos pelo respeito e pela igualdade social são liberdades que podem ser ganhos com luta, mobilização, por parte destes

movimentos e todos aqueles que abraçam a causa. O autor Silva (2006, p. 92) reitera essa afirmação:

Sem luta, nunca se construirá uma memória, exceto aquela dos vencedores, uma história na qual só haja espaços para aqueles que se julgam vencedores. Sem luta, jamais os direitos humanos de todas as pessoas, independentemente de suas orientações sexuais, serão protegidos por todos os Estados e governos. Tampouco haverá políticas públicas para minorar o sofrimento dos discriminados. Sem luta, não se conseguirá a assunção, por parte da Comissão de Direitos Humanos, da responsabilidade de proteger os direitos daqueles a quem não se quer dar o direito de existir, exatamente porque são menores, sem voz. Sem luta, não se conseguirá o reconhecimento das discriminações e violências exercidas contra a pessoa, por sua orientação sexual. (SILVA, 2006, p. 92)

A inserção deste povo na comunidade é de suma importância, para que se tenha uma sociedade mais pluralizada, multicultural e aberta para identidades distintas àquelas que normalmente são vistas como ideal. A hospitalidade é um fenômeno fundamental para possibilitar a inserção de sujeitos nas comunidades.

Neste sentido, na sequência, foi dado continuidade ao presente trabalho com foco na inclusão do público LGBTQI+ no ambiente educacional, mais precisamente, na Universidade. Uma vez que muitos dos ambientes acadêmicos ainda não se encontram totalmente inclusivos para as variadas expressões de sexualidade. O processo de ingresso, de continuação e de adaptação a estes cenários educacionais podem ser um ato de resistência para este público e por isso foi refletido aqui sobre o acolhimento aos estudantes LGBTQI+ nestes espaços.

2.2 O acolhimento e a assistência estudantil na UFOP: hospitalidade acadêmica?

Para compreender acerca do ambiente acadêmico é imprescindível descrever aqui o público que está inserido dentro destes espaços e de todas as suas relações de sociabilidade e convivialidade. Alunos, professores, técnicos-administrativos, equipe de manutenção em geral, visitantes, vendedores, moradores locais são exemplos dos vários atores sociais envolvidos neste espaço público.

Ao presenciar a rotina das instituições de ensino, vê-se estudantes que passam por um longo período do dia dentro desses locais, sejam estudando, pesquisando ou até mesmo a lazer. Assim sendo, as relações sociais dentro desses espaços se fazem presentes e desta forma é indispensável analisar as respectivas sensações de acolhimento e de hospitalidade transmitidas ali.

A partir disso, percebe-se que estes ambientes possuem uma diversidade no seu público, principalmente porque as Universidades possuem estudantes que vieram de diferentes locais, com suas próprias culturas e identidades. Schleich (2006, p. 6) confirma essa reflexão: “O crescimento da população estudantil tem como consequência uma maior heterogeneidade dos estudantes no que diz respeito à classe social, gênero, objetivos e expectativas”.

Estas transformações adaptativas que cada indivíduo passa ao longo da sua vida acadêmica devem ser constantemente observadas, para que assim, seja possível preparar espaços (físicos ou não), acessos e ambientes cada vez mais acolhedores e hospitaleiros, a fim de atender as necessidades, proporcionar sentimento de pertencimento, e para que tenham-se ali pessoas desfrutando de uma boa qualidade de vida, principalmente nos aspectos psicossociais, quanto nas suas relações interpessoais e de tratamento como um cidadão.

Ferreira (2015, p. 135) prega que o espaço escolar “enquanto ambiente de formação de cidadãos e cidadãs, ainda não está preparada para a diversidade sexual e de gênero”. Já Schleich (2006, p. 7) disserta que “o ambiente acadêmico é, com certeza, decisivo para o desenvolvimento do estudante como um todo, para que as atividades cognitivas, afetivas e sociais deverão estar inter-relacionadas”. Nesse sentido, vejamos a importância da hospitalidade na (re)inserção social de cada indivíduo enquanto estudante, dentro do espaço universitário.

Dias e Brusadin fazem uma análise fundamental acerca da temática aqui trabalhada:

A hospitalidade acadêmica pode ser entendida como o conjunto das relações sociais estabelecidas no meio acadêmico entre estudantes, professores e prestadores de serviços no espaço universitário, ou mesmo, indiretamente quando tais relações extrapolam o meio físico da universidade a partir da relação com a comunidade local, cidades, estados e países. Essas relações se valem de experiências entre o conhecido e o desconhecido, trocas culturais e profissionais. (DIAS E BRUSADIN, 2020, p. 12)

Nos dizeres de Dutra vê-se a potencialidade da hospitalidade sob um ambiente acadêmico:

A prática da hospitalidade na universidade pode atuar nas relações e interações, proporcionando significados diferenciados para o estabelecimento e a manutenção de laços interpessoais. O espaço é possuidor de uma densidade única e complexa. (DUTRA, 2008, p. 36)

A partir disso, vimos então, que a hospitalidade neste contexto acadêmico é todo o acolhimento e as trocas que os atores sociais ali envolvidos se dão para com o outro. É a

abertura incondicional e a preocupação da universidade, no que diz respeito ao acolher subjetivo, na compreensão e na escuta ao outro, na infraestrutura dos seus espaços, tanto para os que já estão pertencidos ali ou não, para os que saem e chegam, para a comunidade local que também faz uso daqueles espaços. A hospitalidade acadêmica sobrepõe toda rotina científica, é mais sobre o afeto e respeito para com o outro do que o ensino teórico.

Brusadin e Panosso Netto (2017, p. 25) contribuem ao afirmarem que as manifestações recíprocas da hospitalidade “são a essência da organização coletiva e do senso de comunidade”. Com isso é possível compreender que nesta dimensão pública e social que se faz o ambiente acadêmico, as trocas surgem como manifestações incondicionais e são necessárias para a harmonização social, para que os estudantes vivam em conjunto, respeitando suas diferenças e identidades.

Como já visto no decorrer do trabalho, as trocas hospitaleiras se dão com os atos recíprocos de receber e ser recebido, de estar reciprocamente aberto ao outro, fazendo um movimento cíclico que Stefanelli (2015) defende nas suas reflexões.

Montandon (2003, p. 132) ao dissertar sobre hospitalidade afirma que todo lugar de manifestação hospitaleira possui suas “regras, ritos e leis”. Logo, no contexto acadêmico, quem determinará estas leis? A universidade enquanto anfitriã ao receber um recém chegado, na tentativa de ser hospitaleira produz eventos de boas-vindas, busca manter um espaço harmonioso, ser cordial, além disso, possuem diversos programas de acolhimento que aqui foram tratados.

De acordo Castelli existem nove dimensões de um local hospitaleiro e vê-se na seguinte dimensão, características necessárias no que diz respeito ao ambiente universitário:

Harmonização: ambientes harmoniosos, amistosos e corteses, independentemente da diversidade de credos, culturas e convicções políticas, são propícios para o estreitamento dos relacionamentos entre as pessoas. Portanto, os interesses coletivos devem se sobrepor aos interesses individuais, a multiculturalidade prevalecer sobre o etnocentrismo, a perspectiva global orientar a perspectiva local e a cidadania nacional se abrir a cidadania planetária. (CASTELLI, 2010, p. 158-161 apud SANTOS et al., 2019, p. 101)

Além disso, os autores citam as demais dimensões: “convivência”, “respeito”, “sensibilidade”, “cortesia”, “tolerância”, “generosidade”, “simplicidade” e “solidariedade”. Porém, nas relações sociais e todos os envolvidos dentro do seu complexo, tais manifestações nem sempre são exercidas, prevalecendo a hostilidade em detrimento da hospitalidade, principalmente no contexto de comunidades plurais como as universidades.

As universidades são ambientes onde o conhecimento e todos que o buscam dividem um só espaço, visando transformar a sociedade com saberes teóricos, debatendo, investigando, pesquisando. Derrida (2003, p. 18) reflete que “a universidade é um lugar em que nada está livre do questionamento”. Desta forma o acolhimento na forma prática, a diminuição das fronteiras, os acordos de paz, são meios que devem ser ali trabalhados e questionados.

Dentro de todo contexto da hospitalidade acadêmica é notório refletir sobre as ações firmadas dentro do ambiente universitário, neste caso, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, de acordo ao Decreto Federal no Brasil (2010), “tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal”, além destes objetivos, buscam “contribuir para a promoção da inclusão social” e “minimizar os efeitos das desigualdades sociais”.

Vê-se a partir disso que as ações propõe a igualdade entre os estudantes, e dentro de cada instância universitária pública há a criação dos seus próprios projetos, ações e agentes envolvidos. No que diz respeito à UFOP, trata-se da Pró-Reitoria Especial de Assuntos Comunitários e Estudantis - Prace, a instância responsável por tal e tem como premissa “proporcionar as condições de acesso e permanência aos estudantes, técnicos administrativos e docentes da Instituição, garantindo assim o bem estar psicossocial de toda comunidade ufopiana” (PRACE, 2021).¹

A Prace possui diversos objetivos em prol da saúde do estudante, como o de “viabilizar acesso de cunho psicossocial e socioeducativo que visem sua integração à vida universitária”. A partir disso, foi exposto aqui alguns dos projetos que dão sentido à pesquisa ao que se refere à preocupação institucional para com o estudante, na sua saúde física, mental e no acolhimento. De acordo a Prace (2021) tais projetos possuem como um dos principais eixos temáticos o “acolhimento e saúde mental” e “inclusão social e ações afirmativas”.

O “Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência” (PIDIC) da UFOP segundo a Prace (2021) busca “implementar atividades de Ações Afirmativas no âmbito da UFOP de forma articulada ao ensino, pesquisa e extensão, visando o atendimento e ampliação das condições de permanência de estudantes”. Por meio de atividades acadêmicas como: “Palestra, debate, colóquio, seminário, congresso, conferência, ciclo de estudos, campanha de difusão cultural ou educativa, exposição, fórum, jornada, mesa redonda, mostra, semana de

¹ PRACE, Universidade Federal de Ouro Preto. **Pró Reitoria de Assuntos Comunitário e Estudantis**. Disponível em <<https://www.prace.ufop.br>> Acesso em 13 de fevereiro de 2021.

estudos, simpósio, workshop, produção de vídeos e similares” e têm como principais objetivos:

- a) Estimular e apoiar a realização de atividades, que visem promover a igualdade de direitos entre estudantes, na modalidade de graduação presencial o enfrentamento de discriminações como o racismo, sexismo, machismo, homofobia, transfobia, capacitismo. Entre outras, que afetam a sua permanência e seu desenvolvimento em todas as unidades da UFOP.
- b) Contribuir para a promoção da inclusão social através de atividades que visem a igualdade étnico-racial e de gênero, a diversidade sexual, as ações afirmativas e a formação de cidadania.
- c) Combater os efeitos das desigualdades sociais originadas por quaisquer tipos de discriminação.
- d) Incentivar o desenvolvimento de atividades que propiciem uma melhor convivência entre estudantes usuários das Residências Estudantis da Universidade. (PRACE, 2021)

Em algumas das ações desenvolvidas pelo Programa PIDIC, de acordo com a Prace (2021) vê-se temas relevantes para a temática em questão como: “Vidas: Gênero, Diversidade e Sexualidades”, “Violência contra LGBTQ+S”, “(in)visibilidade de pessoas trans no ambiente universitário”.

Existem também dentro do ambiente acadêmico da Universidade Federal de Ouro Preto, coletivos que são ações advindas de uniões estudantis, como “Coletivo Colares” que conforme o Coletivo Colares (2021)², trata-se de “uma rede de luta, amparo e suporte à comunidade LGBTQIA+, na UFOP”. Juntamente com a Prace (2021) desenvolvem ações como: “Além do +: podcast sobre a comunidade LGBTQUIA+ da UFOP” que “visa a produção de podcasts de informação, orientação e acolhimento sobre e para a comunidade LGBTQUIA+”.

Outro exemplo é a liga acadêmica “GENI”, o Grupo de Estudos sobre Naturezas Identitárias. Segundo Geni (2021)³ este “atua como Liga Acadêmica, vinculada ao Centro Acadêmico do Curso de Medicina da UFOP e como projeto de extensão, vinculada a PROEX”, além de possuir o objetivo “de discutir a discriminação (em todas as suas formas) como um determinante social da saúde.”

Pensar a universidade como um corpo de ensino, pesquisa e extensão, é pensar em um ambiente com responsabilidade e compromisso com o acolhimento, com a educação, com a pluralidade identitária de cada indivíduo que compõe aqueles espaços direto ou indiretamente.

² COLETIVO COLARES, **Rede de suporte LGBTQIA+ UFOP**. Disponível em <<https://www.instagram.com/coletivocolares/>> Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

³ GENI, **Grupo de Estudo sobre Naturezas Identitárias UFOP**. Disponível em <<https://www.instagram.com/geni.ufop/>> Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

Spolon (2014) reafirma que tais projetos e iniciativas de extensão no contexto acadêmico surge como uma importante ferramenta de transformação e aperfeiçoamento dos seus sujeitos:

Inserem-se no processo geral de ensino-aprendizagem como processos educativos, culturais e científicos que, associados à pesquisa e ao ensino, em seus formatos regulares, promovem a interação entre comunidades acadêmicas e sociedade, transformando ambas, por meio do aprendizado e do compartilhamento amplo e democrático da informação. São, portanto, momentos importantes e indispensáveis ao aperfeiçoamento de pessoas. (SPOLON, 2014, p. 101)

Neste mesmo sentido, os projetos universitários na busca pelo acolhimento e fomentador de interação, compreende-se que os conceitos de hospitalidade estão imersos a este campo, já que o fenômeno da hospitalidade pressupõe interações e relações sociais.

A extensão universitária na Universidade Federal de Ouro Preto, Proex (2021)⁴, surge visando “a transformação das realidades sociais” e “buscando sempre a transversalidade, a inclusão, a dialogicidade e a valorização das ações de forma humanitária e consciente”. Dentro dessa conceituação, vê-se uma consonância com as manifestações de hospitalidade, uma vez que o presente estudo aborda ao longo de todo seu corpo, a hospitalidade tratada como uma transformadora de realidades, capaz de aproximar o outro, capaz de estar aberto para as diferenças e para as identidades alheias.

Proex (2021), escreve que o objetivo desses programas é “colher informações e demandas que ajudem a academia a se envolver com a realidade à sua volta”. Diz respeito também à “prática acadêmica com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social”. Ou seja, todos os projetos envolvem instâncias além da universidade, a comunidade local, a cidade, os distritos e a todos que os compõem.

Como já mencionado, o projeto “GENI” além de liga acadêmica, é um projeto de extensão, cujo título temático é: “Abordagem educativa de profissionais das Unidades Básicas de Saúde de Ouro Preto-MG quanto ao cuidado da população LGBTQ+”, Prace escreve que “pretende-se oferecer ao grupo LGBTQ+ o nível de cuidado mais satisfatório possível”, e enfatiza sobre seus objetivos mais detalhadamente:

⁴ PROEX, Universidade Federal de Ouro Preto. **Pró Reitoria de Extensão**. Disponível em <<https://www.proex.ufop.br>> Acesso em 09 de fevereiro de 2021.

A promoção de um espaço de capacitação profissional para trabalhadores do SUS da região dos Inconfidentes e de Minas Gerais para o atendimento qualificado à comunidade LGBTQIA+;
A criação de uma rede de profissionais capacitados a realizar atendimento adequado às necessidades dessa população;
Ser espaço de ensino-aprendizado para acadêmicos da UFOP, para os residentes de Medicina de Família e Comunidade e os residentes multiprofissionais em saúde da família. (PRACE, 2021)

Outro projeto de extensão com a mesma temática desenvolvido pela Proex (2021) é “A grande roda da saúde coletiva: cuidado, acolhimento, saúde mental.” E tem o objetivo de “criar e sustentar uma Rede de Apoio ao Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II) de Ouro Preto / MG.” E o projeto “POC: papear, ouvir e conscientizar” que também é uma iniciativa PROEX e PIDIC e possui o objetivo de “Promover o diálogo acerca da diversidade, gênero e sexualidade, tanto no espaço acadêmico quanto fora dele. As reuniões buscam debater maneiras de combate à intolerância e ao preconceito cotidiano sofrido por pessoas LGBTQ+”.

Essas ações de ensino, pesquisa, extensão e os projetos da Universidade Federal de Ouro Preto a fim de propiciar um ambiente mais acolhedor, com maior qualidade nas suas práticas e infraestrutura para receber os estudantes que compõem o espaço, pressupõe hospitalidade, uma vez que nesse processo acadêmico, as pessoas se envolvem, existem trocas, e a partir destas ações que a hospitalidade acontece e é percebida. Vê-se nos aportes teóricos discorridos na pesquisa que hospitalidade são trocas sociais, contratos e entrega ao outro, e a partir das relações produzidas nessas ações e espaços universitário têm-se a hospitalidade acadêmica como fenômeno.

Diante disso e dos projetos assistencialistas apresentados e oferecidos pela Universidade Federal de Ouro Preto como práticas de hospitalidade, foi pesquisado no próximo capítulo a perspectiva sob os olhares dos estudantes, a fim de tangibilizar a hospitalidade acadêmica. Eles se sentem acolhidos nestes espaços e com estas ações? A hospitalidade sobrepõe a hostilidade ali?

3. AS PRÁTICAS DA HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE AOS ESTUDANTES LGBTQI+ NA UFOP

No presente capítulo foram dispostos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa bem como a apresentação dos relatos dos entrevistados. Com os dados extraídos foram feitas análises contextualizadas acerca da hospitalidade, em destaque para a hospitalidade acadêmica e como se dá essa dinâmica no espaço universitário através das vivências estudantis LGBTQI+ a partir dos diálogos das entrevistas, especialmente no caso da UFOP.

3.1 Metodologia da pesquisa adaptada para a pandemia

Preliminarmente neste trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico para estruturar e construir os capítulos anteriores. A fundamentação teórica foi feita com base em fontes bibliográficas extraídas de artigos, livros, dissertações, teses, dentre outros estudos científicos. Gil (2002, p. 44) define que tal método refere-se “a pesquisa bibliográfica” e é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Posteriormente foi realizada pesquisa qualitativa a fim de buscar particularidades a partir das experiências, vivências e histórias dos entrevistados participantes e para que através destas, a fenomenologia da hospitalidade possa ser analisada e o objetivo científico, atingido. Para uma melhor compreensão, Minayo (1995, p. 21-22) disserta que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Quanto ao estudo de campo, foram escolhidos como procedimentos a observação participante e a entrevista semiestruturada para uma análise ainda mais apurada e para se fazer entender as dinâmicas rotineiras dos espaços sociais, bem como a subjetividade humana. Na observação participante, (BACKER, 1994 apud LIMA *et al.*, 1999, p. 3) conceitua que nesta técnica “o pesquisador coleta dados, participando do grupo ou organização, observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida cotidiana”.

Já na entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), a priori tem-se um roteiro estabelecido, mas a dinâmica durante as entrevistas são flexíveis em relação a inclusões e exclusões dos questionamentos, desta forma o entrevistador possui uma certa liberdade em

relação à comunicação com os participantes. Nunes (2016) aborda esta afirmativa ao discorrer que:

O recurso da entrevista semi-estruturada proporciona uma flexibilidade à coleta de dados, assim como uma maior abertura ao entrevistado, tornando dessa forma as respostas mais fidedignas, a qual se traduz através de uma série de perguntas que seguem o fio condutor que é a raiz da problemática, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. (LAVILLE e DIONNE, 1999 apud NUNES, 2016, p. 5)

Para o início do processo de entrevistas foram convidados quatro alunos da Universidade Federal de Ouro Preto, utilizando o critério de acessibilidade descrito por Gil (2008, p. 94) como uma amostragem menos “rigorosa”, na qual o “pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos”. Além disso, o outro critério utilizado foi de serem participantes pertencentes à comunidade LGBTQI+.

Todo o processo ocorreu de forma remota e individual, as entrevistas foram agendadas através de meios eletrônicos como e-mail e mensagens de Whatsapp após a elaboração do convite e o respectivo aceite dos entrevistados, no horário e data definida por estes. Os encontros foram realizados na plataforma Google Meeting, de reuniões online. As chamadas de conferência foram gravadas a fim de que a entrevistadora não perdesse os detalhes dos diálogos e tiveram duração de aproximadamente 20 minutos por participante. Foram realizadas no dia 17 de março de 2021.

Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) consentindo com a respectiva participação, bem como concordando com o uso dos diálogos para discorrer as análises acadêmicas, além de informado de que os resultados da pesquisa poderão contribuir com futuras reflexões para com a temática da hospitalidade acadêmica. Além disso, foi garantido que a identidade dos entrevistados não seriam divulgadas e os depoimentos seriam mostrados como um pertencente da comunidade LGBTQI+.

Por último, as entrevistas foram transcritas pela autora do trabalho a fim de extrair na íntegra os principais fragmentos dos discursos que respondem às questões do estudo. Assim, foi possível analisar as respostas, contextualizar e relacionar com os aportes teóricos da

pesquisa para compreender a dinâmica dos estudantes diante dos fenômenos da hospitalidade dentro do espaço acadêmico.

3.2 Entre o acolher e o hostilizar: fronteiras ufopianas aos estudantes LGBTQI+

Luiz Octávio de Lima Camargo ao ser entrevistado por Brusadin (2016, p. 243) compreende que em um ambiente de ensino sob a perspectiva da hospitalidade “os alunos procuram por uma escola que se propõe a interação”. Para Spolon (2014, p. 104) “é fundamental que na prática da interação estejam explícitos e evidenciados os valores da verdadeira hospitalidade e acolhimento às ideias e opiniões do outro”.

As reflexões dos autores se assemelham quando entende-se que os sujeitos devem usufruir do produto das suas interações: a verdadeira hospitalidade. Trata-se do fenômeno ocasionado de maneira pura, incondicional, humana, onde não há espaço para julgar, mas para escutar e acolher o outro. A partir desse pressuposto, foi refletido acerca da primeira questão do roteiro de entrevistas aplicado aos alunos convidados, que consiste no que estes enxergam sobre hospitalidade na Universidade Federal de Ouro Preto para com o público LGBTQI+. As falas a seguir são os olhares dos estudantes:

A UFOP em si, acho que não favorece a hospitalidade. Não propicia, não existe nenhum tipo de acolhimento por parte da UFOP. Seria mais por parte das relações interpessoais que você cria com as pessoas ali, que você identifica que também são LGBTQI+ (...) se você for uma pessoa mais fechada e não assumida, vai ser mais complicado, porque o próprio espaço e o ambiente acadêmico não favorece, principalmente no curso que você fizer. (ENTREVISTADO 1)

Quanto à instituição, enquanto um integrante da sigla G dentro do grupo LGBTQI+, senti uma dificuldade no começo (...) o tipo de trabalho que eu tinha na UFOP era sempre questionado, isso foi uma das coisas em que eu senti a hostilidade, que é o contrário da hospitalidade (...) Então nesse primeiro momento eu senti uma hostilidade, mas depois com os resultados que eu vinha mostrando o jogo virou. (ENTREVISTADO 2)

Quando cheguei na UFOP fui muito bem recebida pelo departamento do meu curso com alguns eventos de boas-vindas (...) Eu não me apresentava como uma pessoa LGBTQI+ com receio de ser julgada, mas quando isso aconteceu, eu fiz várias amizades no meu curso e continuei sendo bem recebida lá, já em outros locais da UFOP quando estava acompanhada pela minha namorada percebi alguns olhares tortos quando as pessoas viam que eram duas mulheres de mãos dadas. (ENTREVISTADO 3)

Eu enxergo que tive muita sorte, eu descobri no final do ano que tinham médicos no posto de saúde da UFOP que atendiam pessoas trans e caiu do céu para mim, fiz o acompanhamento mais de perto e eu tive muita sorte de

ser acolhida. (...) Não tenho nada a reclamar, somente agradecer, fui muito feliz desde o momento que fui no posto, fui muito bem recebida. (ENTREVISTADO 4)

Diante destes discursos percebe-se que o primeiro entrevistado enxerga a hospitalidade nos laços e relações sociais criadas com outros estudantes pertencentes ao grupo LGBTQI+, já o segundo entrevistado viu a hospitalidade de outros estudantes e docentes quando mostrou seus resultados enquanto aluno, o entrevistado 3 relata que a hospitalidade foi vista na sua chegada ao departamento e nos laços criados com as pessoas do seu curso. O entrevistado 4 viu a hospitalidade no acolhimento médico da UFOP para pessoas trans. A ótica de hospitalidade nos entrevistados 1 e 3 se confluem para a ideia das trocas e dos laços sociais criados a partir dos encontros interpessoais como é defendido por Baptista (2002).

Em contrapartida, embora estes sujeitos percebessem a hospitalidade dentro do espaço acadêmico, via-se muito sobre hostilidade, ora quando o espaço não favorecia ser acolhido como estudante ou quando suas produções acadêmicas enquanto aluno eram questionadas, ora como um sujeito LGBTQI+ acompanhado do seu parceiro afetivo. Derrida (2003) defende a hospitalidade no acolhimento incondicional, quando o outro tem a liberdade de gozar das suas diferenças. No ponto acima citado vê-se a hostilidade submergindo a hospitalidade em certos comportamentos intolerantes.

A UFOP enquanto um lugar de morada durante toda a jornada acadêmica deve favorecer aos alunos o sentimento de se estar em casa. Ao serem indagados sobre o sentimento de ser um estudante LGBTQI+ ali, tem-se as seguintes respostas dos entrevistados: “Fazendo o curso que faço, é excelente, acredito que arquitetura é um dos cursos mais acolhedores nesse sentido, começando porque existe um estereótipo de “desconstrução”” (ENTREVISTADO 1). Seguido por “Eu tenho orgulho, mas talvez as pessoas de lá não” (ENTREVISTADO 2). Para o participante 3 “A UFOP foi um divisor de águas, foi lá que eu aprendi a me aceitar mais como uma LGBTQI+, eu me sinto livre, mesmo que em alguns momentos algumas pessoas julgam.” (ENTREVISTADO 3) e o entrevistado 4 conta:

Eu acho que é normal como em qualquer outro lugar, eu não sei se é porque as pessoas de Ouro Preto não me conhecem e parece um pouco mais fácil. Mesmo assim, tenho medo de entrar no banheiro feminino às vezes, de alguém querer me expulsar, dos olhares, não é nem a pessoa falar, tenho medo dos olhares, sempre que vou entrar no banheiro fico morrendo de medo, se estou feminina o suficiente para entrar no banheiro, se alguém vai brigar comigo, tenho um pouco de receio em alguns sentidos, mas não posso reclamar. (ENTREVISTADO 4)

Percebe-se que mesmo com todos os conflitos e traços de hostilidade advindos do fato de ser um estudante LGBTQI+ dentro do espaço acadêmico, estes se sentem orgulhosos pela sua identidade. Grinover (2012, p. 5) ao falar sobre identidade nos espaços públicos reitera que “a identidade significa algo vital para que as pessoas se sintam seguras”, tal afirmação pode se estender às identidades individuais dos entrevistados, e entendemos com isso, que o fato de se sentirem seguros quanto às suas identidades e o seu eu individual faz a não-hospitalidade de certos indivíduos uma questão ignorável, embora seja um paradigma que necessita ser transformado.

Ao citar sobre diferenças e identidades, resgata-se através das teorias de Silva (2006) e Grinover (2006), que estas dinâmicas sociais geram desordens e muitas delas refletem na hospitalidade. Ao analisar as falas e vivência dos estudantes, percebe-se fronteiras que sustentam a separação entre os LGBTQI+ e a hegemonia heteronormativa. Estas barreiras colocam em xeque as identidades e diferenças coletivas e em como as relações se desdobram a partir delas.

No discurso do entrevistado 1 sobre estas barreiras, nota-se um certo conservadorismo histórico cultural em relação a alguns cursos tradicionais e mais antigos da UFOP, os quais podem promover a segregação do estudante LGBTQI+: “No meu caso, penso que começam nas repúblicas e dentro da Escola de Minas (...) Nós da arquitetura no começo nos sentíamos meio excluídos, por estarmos num ambiente hostil e predominantemente machista dentro dos cursos de engenharia”.

De acordo com a perspectiva do entrevistado 2, os limites impostos advém do processo educacional e cultural dos indivíduos sociais: “Um dos pilares mais fortes que temos hoje que cria essas barreiras, são essas criações que vem da própria sociedade. A forma como as pessoas são educadas, a forma como algumas pessoas e maneiras de agir são demonizadas pelo ser humano”.

Já o entrevistado 3 indaga que as fronteiras presentes entre o público LGBTQI+ e heteronormativo é a imposição de se ter uma sociedade padronizada e os comportamentos não evoluídos entre os indivíduos: “As pessoas acham que todo mundo tem que ser igual aos outros, e não é assim, a ignorância, a cultura machista e as instituições religiosas são retrocessos e barreiras que promovem muito essa separação. As pessoas precisam querer evoluir juntas”.

O discurso do entrevistado 4 enfatiza sobre os preconceitos existentes na sociedade: “As fronteiras que vejo é o preconceito enraizado aqui no nosso país, essas piadas, entendo que o humor pode ser feito, mas nem sempre vai ser uma coisa positiva.”

Percebe-se que certas tradições, sejam elas culturais, sociais ou educacionais, influenciam diretamente no fenômeno da hospitalidade e nas alianças criadas ou não durante o processo de sociabilidade. E estes laços são os responsáveis para acabar com as fronteiras impostas, para Bastos e Stefanelli (2016, p. 259) “Essas alianças que estruturam as relações humanas são as responsáveis por dissipar as fronteiras de diversas ordens, minimizando as contradições impostas pela sociedade contemporânea”.

É notório que existe um paradoxo da hospitalidade no ambiente acadêmico, pois para que as relações ocorram ali é necessário seguir determinadas regras e ritos, tal fato remete ao contexto das leis da hospitalidade. Para confirmar esta afirmativa, Miranda (2016) defende que:

O paradoxo da hospitalidade na educação implica conceber a experiência educativa como uma atitude de abertura e exposição ao outro no acolhimento à sua palavra, sua cultura, sua história, seu estilo de vida e modo de pensar, mas, também, como uma experiência que define as regras e as leis sob as quais a hospitalidade concretamente se realiza no contexto educacional. (MIRANDA, 2016, p. 401)

Dentro destas ideias, percebe-se que existem certas tradições e peculiaridades no universo acadêmico que se fazem relevantes identificá-las e compreendê-las em relação à hospitalidade. O fenômeno das relações sociais na academia ultrapassa o espaço da sala de aula, englobando toda a totalidade do espaço. No caso específico da UFOP, as moradias estudantis (repúblicas) foram entendidas por alguns dos entrevistados como uma ferramenta que fomenta os ritos tradicionais entre o estudante calouro e veteranos.

Percebe-se uma assimetria dentro das relações entre aqueles que chegam recentemente e aqueles que já estão naquele espaço há mais tempo, em suma, o calouro e o veterano, respectivamente, e pode ser um exemplo de tradição dentro da Universidade. Com isso, foi perguntado aos participantes de que forma as tradições advindas do espaço acadêmico surgem sendo fenômenos hostis ou acolhedores para um LGBTQI+. Os discursos a seguir tratam-se da visão dos entrevistados ao responderem estas indagações:

A questão da hierarquia, por exemplo. Esses compromissos de república, pra mim são as tradições que mais hostilizam embora seriam para acolher, então é meio contraditório. (ENTREVISTADO 1)

Eu acho que isso vai muito mais de como as pessoas aceitam certas situações, no meu caso, no começo a questão de você ser calouro instaura um tipo de *apartheid*⁵, não vou relativizar, mas eu acho que isso divide as pessoas, principalmente dentro de uma hierarquia (...) nesse primeiro contato que o aluno está tendo com a Universidade, com as repúblicas, acho que é zero hospitaleiro. A hospitalidade vem no momento que as pessoas vão te entregar ali um folhetinho da casa, no momento em que elas vão te oferecer uma vaga no grupo do Facebook, mas a partir do momento que você colocou sua mala na casa e que de fato, você está morando com eles deixam de ser hospitaleiros e começam a ser hostis. E as pessoas, elas tendem achar que essa hostilidade vai fazer bem em algum momento, então elas acabam não colocando na balança esse contrapeso. (ENTREVISTADO 2)

Ser calouro, um recém chegado na faculdade, tem um peso muito grande, parece que quem comanda você e certos espaços são os veteranos, e se for de república, você fica numa posição servil para os moradores. Se um ex-aluno muito conservador ver você beijando seu parceiro numa relação homoafetiva, já era, você tá fora da casa, já aconteceu comigo e eu não sabia nem onde reportar na UFOP esse episódio frustrante. Então essa hierarquia é uma tradição muito mais que hostil, é desumana. E eu não aceitei isso pra mim. Acolhedora eu só acho aquela apresentação na sala de aula, a expectativa dos professores quando a gente se apresenta, conta a história e ele se interessa, é legal. (ENTREVISTADO 3)

A faculdade como todo sistema, está evoluindo. Eu nunca vi ninguém reclamando, estão caminhando para se desconstruir, assim como a gente. Eu sou LGBTQI+ mas também tenho que correr atrás. (ENTREVISTADO 4)

As falas dos entrevistados 1, 2 e 3 demonstram a condição do aluno enquanto calouro uma tradição hostil, e no sentido do acolhimento, as dinâmicas que são dadas dentro das repúblicas estudantis, as quais também fazem parte da bolha acadêmica e institucional, já que as repúblicas públicas pertencem à Universidade, também são hostis para aqueles que decidem passar por elas. É importante enfatizar que o ingresso nas repúblicas e a participação dos seus rituais é consentida e opcional de cada estudante. Enquanto o entrevistado 4 mostra que não vê tradições hostis ali e entende que a UFOP, assim como os demais sistemas institucionais estão em constante evolução.

Por isso, as leis da hospitalidade podem ser vistas quando o aluno que chega deve seguir certos deveres para que o seu processo de sociabilização com a comunidade residente seja eficaz, no caso das repúblicas, existem etapas que o aluno precisa passar para que possa ser aceito na futura casa. Além disso, ao observar certas falas dos entrevistados percebe-se que nas repúblicas estudantis existe uma série de leis não escritas, como por exemplo,

⁵ O termo *apartheid* significa segregação e esta quer dizer separação entre povos, trazendo assim, a submissão de uma classe sobre outra. Cf.: VITORIANO, Francisca Maria da Conceição. **Entendendo o Apartheid e a Figura de Nelson Mandela**. – Redenção, 2016.

convidar sempre aqueles alunos que são necessariamente de outras repúblicas, fomentando uma segregação.

Dentro dos conceitos de hospitalidade já citados anteriormente, é refletido sobre as assimetrias preexistentes, onde aquele que chega no território desconhecido está em desequilíbrio com aquele que já pertence àquele local. Vê-se que a relação entre calouros e veteranos, é permeada por assimetrias, sejam elas territoriais ou culturais. Ao remeter Camargo (2004) e o mesmo discorrer sobre as leis da hospitalidade, este reflete que o fenômeno só ocorre quando ambas as partes são hospitaleiras e respeitam as leis mutuamente.

Derrida (2003) ensina que, além de aceitar as diferenças, há de se receber o outro e, sobretudo, conviver com estes indivíduos e abrir as portas da incondicionalidade, ou seja, significa acolher o outro sem questionar, isto possibilita dar significado ao eu individual e a se transformar como ser humano, a partir da convivência livre, sem prisões, sem questionamentos.

Dutra (2008, p. 22) reitera que “o calouro deseja ser reconhecido como aquele que é desejado e esperado”. As tradições e seus instrumentos devem ser maneiras de aceitar e se relacionar com o outro, de acolher e de pertencer. No contexto da hospitalidade acadêmica estes espaços devem se mostrar lugares de acolhimento, de trocas de experiências e de uma eterna expectativa ao receber aqueles que fazem o espaço acadêmico: os estudantes.

Em contrapartida, os estudantes pontuaram as práticas de acolhimento que os inserem dentro da instituição e destacam-se as amizades, a formação de redes de contatos, a produtividade e seus desdobramentos enquanto estudantes: “(...) ter uma rede de contatos dentro do curso é importante, por isso temos que formar grupos. É muito difícil a gente se sentir acolhido se não tem outras pessoas para dar amparo” (ENTREVISTADO 1), seguindo pela fala do segundo participante: “nessa questão de acolhimento institucional eu vejo que ele aconteceu, mas ele aconteceu porque eu tive que ralar muito” (ENTREVISTADO 2), “eu encontrei o acolhimento nos amigos que fiz e eles sempre estavam ali, eu me senti inserida nos movimentos, quanto todos lutavam em prol de alguma questão” (ENTREVISTADO 3). O entrevistado 4, viu as práticas de acolhimento no atendimento médico, no departamento e na utilização social do banheiro.

No posto de saúde da UFOP eu me sinto bem acolhida, como eu disse. Também me sinto acolhida pelas pessoas do meu departamento, o pessoal da Artes Cênicas. Eu lembro no dia que cheguei lá, estava escrito no banheiro: banheiro para todas as mulheres e querendo ou não isso é um acolhimento. (ENTREVISTADO 4)

Derrida (2003) defende nos seus aportes teóricos já mencionados anteriormente que a hospitalidade através da abertura completa ao outro, na impossibilidade, na alteridade, e a construção da amizade, da rede de amparo citada pelos entrevistados é uma construção importante para estes na prática de acolhimento. Derrida entende que: “Não há democracia sem respeito à singularidade ou à alteridade irreduzível, mas não há democracia sem comunidade de amigos” (DERRIDA, 1998, p. 40 apud LOPES, 2018, p. 138).

Em relação às práticas de acolhimento percebe-se que os alunos tem autonomia para desencadear os processos de interação para com o meio acadêmico. Enquanto as políticas de acolhimento são iniciativas que são vistas como responsabilidade da própria instituição no que tange ao acolhimento institucional dos seus estudantes.

As políticas de acolhimento no ambiente acadêmico surgem como uma forma de inclusão e de amparo psicossocial aos estudantes. Nas entrevistas foi perguntado aos entrevistados se estes conhecem práticas de acolhimento ao público LGBTQI+ na UFOP e quais são. O primeiro entrevistado discursou: “Posso estar deixando passar, mas não lembro de nada agora. Não sei se existe algum programa de assistência psicológica, mas acredito que nada específico e nada que eu já tenha utilizado” (ENTREVISTADO 1). O segundo entrevistado respondeu:

Não conheço, que seja da PRACE eu não conheço programas que a própria Instituição criou para poder amparar pessoas LGBTQI+, eu penso, na verdade tenho certeza, que já participei de outros projetos de extensão que tem a ver com isso, como o Conviver que trabalhava bastante as interseccionalidades que existem na sociedade, o próprio POC, que é da farmácia, mas não conheço nenhum programa Institucional que possam mediar. Conheço também o GENI, que é do pessoal da medicina, mas programas que partem da Instituição com a PRACE, que é um lugar importante de disseminar esse tipo de programa, eu realmente não conheço. (ENTREVISTADO 2)

Não sei se é exclusivamente para LGBTQI+, mas tem o psicólogo da UFOP, porém eu nunca utilizei. E não conheço outras políticas, tem alguns eventos para LGBTQI+, mas acho que é pouco divulgado, fiquei sabendo porque acontecia no posto de saúde perto do departamento do meu curso. (ENTREVISTADO 3)

Nome social e a questão de poder usar banheiros. As outras pessoas, as lésbicas, os gays, os bissexuais, esses eu não sei tantas coisas. Mas temos o grupo POC, que com certeza ajuda muitas pessoas LGBTQI+, só de existir na universidade é uma assistência, se não pudesse existir seria uma forma de inviabilizar as pessoas. (ENTREVISTADO 4)

A Universidade possui iniciativas que visam integralizar e acolher os seus estudantes, como o PIDIC, que já foi citado nos capítulos anteriores. Porém, de acordo os relatos, estes projetos assistencialistas podem não estar chegando efetivamente ao conhecimento do seu público. O processo de interação e de escuta ao estudante deve ser condicionado através da hospitalidade, e por isso, este fenômeno é visto mais uma vez como fundamental para que o meio acadêmico seja mais acolhedor e um local para se querer estar.

Por este mesmo lado, os entrevistados relatam que o afeto, as relações de troca e a disponibilidade são sentimentos imprescindíveis para a sua continuidade no ambiente acadêmico:

Com certeza. Porque pra mim, eu gosto de estar em ambientes onde eu consiga estabelecer relações. (...) Ali você está consolidando grandes vínculos que vai ter para o resto da vida, por isso é importante essas relações na Universidade, todo mundo deveria fazer amizades na faculdade. Seria muito mais difícil sem essas relações. (ENTREVISTADO 1)

A questão das relações de trocas é importante, sermos pessoas interessadas nem sempre tem a ver com coisas ruins e eu acho que a troca é uma delas. (...) É impossível pensar que hoje na situação que eu tenho me colocado como pessoa eu não precise do afeto das pessoas que estão ao meu redor e não somente às pessoas que estão ao meu redor, as pessoas que também estão formados, coloco essa extensiva aos professores, aos secretários, aos técnicos administrativos (...) as relações de trocas e o afeto fazem com certeza, querer continuar todos os dias nesses espaços. (ENTREVISTADO 2)

Com certeza! O processo de estar fora da cidade natal para estudar, longe dos pais é solitário. Muitas vezes eu nem estava no horário de aula e ia para a UFOP para ficar perto das pessoas, nem que fosse no corredor ou na lanchonete falando com a atendente. (ENTREVISTADO 3)

Com toda certeza, sei que se relacionar com as pessoas é muito difícil, lidar com outras pessoas é muito difícil, eu pelo menos acho, mas é totalmente fundamental. Eu nem sei te dizer, é muito fundamental, às vezes você tá tão cansado e tudo que você precisa é de um abraço de um amigo, uma conversa. Eu acredito que realmente muitas coisas podem nos ajudar, mas as relações pessoais fazem total diferença, de coração. (ENTREVISTADO 4)

Tais relatos reiteram os fenômenos da hospitalidade acadêmica, a qual perpassa para além da relação científica, a hospitalidade acadêmica envolve a universalidade do espaço, do campus universitário, dos atores sociais até a comunidade local que cotidianamente fazem parte da vivência estudantil.

A hospitalidade enquanto um fenômeno social pode ser entendido como uma forma de transformação social, desta forma, os participantes envolvidos no trabalho responderam de

que forma a Universidade pode transformar a realidade acadêmica a partir das práticas de hospitalidade:

Acho que pra começar precisávamos ter um campus mais integrado, um espaço de convivência fora dos prédios que sejam mais convidativos. Por exemplo, tinha o Campus Aberto e era muito pouco divulgado. A UFOP não tem um lugar para sentar e ficar, a galera ia muito para o teatro ali no meio, mas não tem nenhuma estrutura para acolher. Usávamos mais as escadarias, mas falta um centro de integração. O único lugar que tem é o R.U, mas depois que sai não tem um lugar para ficar ali perto, sabe? Sinto falta de um lugar para as pessoas descansarem. E até mesmo a questão das políticas de acolhimento, como apoio psicológico, grupo de debates, leituras, mas que não partisse dos estudantes, pode ser até que tenham alguns coletivos que debatam sobre essas coisas, mas grande parte deles são iniciativas de alunos, do DCE, não são iniciativas que partem da UFOP. Deveriam ter políticas de assistência, realização de eventos, não necessariamente envolvendo apenas o público LGBTQI+, mas onde essas pautas fossem abordadas, isso faz muita falta para nos sentirmos pertencentes, acho que a UFOP peca muito no acolhimento dos alunos em geral, não só LGBTQI+. Se você não é de república é difícil se sentir pertencente. (ENTREVISTADO 1)

Eu acho que quando alguns dos pilares da hospitalidade, quando eles falam que precisamos ter um pouco desse olhar para a alteridade, de entender que existe o outro, de entender que o outro precisa ser respeitado, acho que seria uma das formas para a gente poder trabalhar com a hospitalidade dentro da Universidade, e entender que as políticas que existem para as pessoas que existem ali dentro, elas não podem ser padronizadas, porque não somos seres únicos, somos diversos, então podemos partir desse pressuposto, que existe uma comunidade acadêmica diversa e que precisamos de programas diversos para tratar cada nicho de pessoas que compõem a universidade, sejam discentes, docentes, enfim. (ENTREVISTADO 2)

Acredito que ouvindo quem compõe o espaço, os estudantes, os funcionários, todo mundo, atender as demandas, não tolerar condutas intolerantes e promover mais momentos de conversas. Acho que hoje as pessoas vivem no automático e deixam muita coisa passar e hospitalidade é receber, ouvir, tratar bem, as pessoas estão carentes de atenção, e isso muda tudo. (ENTREVISTADO 3)

Acredito que realmente acolhendo os alunos como já tem o ABRACE, o grupo que fala sobre ansiedade, depressão, ajuda muito. As pessoas irem ao posto e terem médicos disponíveis para atender e sabermos que podemos contar com eles, é uma transformação enorme. Os professores, quando respeitam a gente, respeitam o nosso sujeito, acho que é nesse sentido. (ENTREVISTADO 4)

Na fala do entrevistado 1, nota-se a carência de lugares de interação nos espaços físicos na Universidade, percebe-se que existem grandes espaços no campus, entretanto a sensação de um lugar de acolhimento e que proporcione acontecer o fenômeno da hospitalidade não é visto.

As vozes dos estudantes ao relatarem de que forma a UFOP pode transformar a realidade deles e de todos que compõe aquele espaço, caminham para um percurso em comum com a hospitalidade: espaços de convivialidade, sociabilidade, momentos de integração, trocas, escutas, atenção à diversidade. Ao resgatar Maus (2003) entendemos que as trocas possibilitam encontrar almas, comunicar e nesse sentido a dádiva tem sua finalidade “produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas” (p. 211).

No ambiente acadêmico vê-se uma possibilidade de trocas muito além do que somente científica, mas trocas involuntárias e obrigatórias ou não, de experiências culturais, históricas, pois todos os estudantes carregam dentro de si uma bagagem como ser social, por isso, todos são diversos e múltiplos dentro de cada essência. A hospitalidade acadêmica pode transformar o ambiente ao terem suas interações sociais promovidas, ao terem práticas de acolhida, e na possibilidade de ver que o outro, diante da sua alteridade, possibilita conhecer novas realidades e através delas revolucionar e (des)construir os espaços e os seus componentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar os pontos que foram esclarecidos através da pesquisa de campo e das conceituações acerca da temática, se faz necessário tecer os pensamentos que foram formados após a análise do trabalho. Destaca-se que o presente estudo partiu da premissa de analisar como se dá a hospitalidade acadêmica e o acolhimento aos estudantes LGBTQI+ na Universidade Federal de Ouro Preto, já que estes têm na Universidade a sua morada e seu espaço de convivência por longos anos.

Deste modo, pensar no conceito de hospitalidade nas diversas dimensões da sociedade se faz necessário, sobretudo no espaço acadêmico, cujas características tratam-se de um ambiente de questionamentos, de ricas diferenças sociais, culturais, territoriais e além disso, um local de eternas trocas, já que a jornada acadêmica proporciona a criação de laços e relações de amizades contínuas em muitos dos estudantes que já terminaram o seu ciclo estudantil e os que estão chegando para iniciá-lo. Pensar a experiência acadêmica é adentrar pelos conceitos de hospitalidade.

A partir dessas dinâmicas entendemos que elas só serão efetivadas quando aqueles indivíduos que compõe o espaço são percebidos, acolhidos, ouvidos, entendidos, aceitos e pertencidos. Seja pela Instituição, pelo professor, pelos técnicos, pelos colegas estudantes, pela comunidade e por todo o corpo social que se insere ali naquele espaço.

No caso do estudante LGBTQI+ há uma problemática identitária em relação à maioria dos demais estudantes, vê-se que este público é colocado à margem em distintos contextos sociais em detrimento da heteronormatividade social, e no contexto da universidade, os paradigmas não são diferentes, já que os preconceitos sociais existem e, neste caso, reverberam como ações de hostilidade.

No sentido do acolhimento, receber e conviver com a alteridade significa ter que romper com a normalidade imposta no mundo hegemônico. O outro *outsider*, diferente do eu ou do estabelecido, sempre será o outro, tal como aponta Nobeit Elias (2000) e poderá ser utilizado para pesquisas futuras. Deste modo, a pesquisa surge para mostrar que os próprios estudantes LGBTQI+ buscam reverter a realidade dentro da universidade, sejam com ações de acolhimento por meio de debates, de movimentos em unidades, de projetos e de instâncias estudantis, como os exemplos dados no decorrer da pesquisa. O projeto POC, GENI e Coletivo Colares são políticas de hospitalidade instituídas, ainda que não sejam conhecidas com essa denominação. Além desses projetos, percebe-se que a Universidade Federal de Ouro Preto possui algumas práticas de acolhimento ao público LGBTQI+, como o PIDIC, que dão incentivo à diversidade e como o posto de saúde nas transições hormonais.

Já nas análises sobre os olhares dos estudantes no período de convivência, observa-se a carência de práticas que os incluam mais ao ambiente acadêmico, especialmente na sua chegada, já que um estudante enquanto recém-chegado, é apenas um estranho em um território desconhecido e pode permanecer assim durante muito tempo, se não houver práticas inclusivas. A dinâmica do acolhimento a partir da hospitalidade é, dessa maneira, um fator fundamental na inserção destes indivíduos ao meio, para evitar o isolamento social bem como os problemas psicossociais advindos da solidão.

Vê-se, por meio da pesquisa, que os estudantes LGBTQI+ necessitam se desdobrar mais do que os outros para que suas relações sejam estabelecidas, sobretudo se este estudante não pertencer à certas peculiaridades da instituição como o caso das repúblicas. Os olhares dos entrevistados mostra orgulho por se reconhecerem como LGBTQI+, mas também constata medo, de ser hostilizado por olhares tortos, por ações intolerantes e até mesmo por não serem bem recebidos da forma como são.

Entender as demandas destes estudantes se faz fundamental para ir em busca de uma dinâmica das relações sociais acadêmicas mais saudável, harmônica e respeitosa. Os alunos LGBTQI+ entendem que iniciativas institucionais são de extrema importância para que eles sejam acolhidos como devem. Como ter os espaços edificados mais interativos, promoção de debates, o ouvir e o entender, além da repreensão de ações de hostilidade que muitas vezes

advém de tradições universitárias, como o caso da relação entre calouro e veterano. A universidade, enquanto corpo institucional, deve ter um olhar mais subjetivo para o estudante, já que este faz o ambiente e suas funcionalidades acontecerem. A diversidade estudantil confere o poder democrático e hospitaleiro da universidade.

A hospitalidade incondicional não implica a reciprocidade, porém este fenômeno tem na sua base o diálogo e a troca. Não se conhece e entende o outro sem dialogar, sem estar disposto a entrar no desconhecido de cada ser social. A hospitalidade rompe as fronteiras, as construções sociais e a intolerância. Nesse mesmo pensamento remete-se às teorias de Derrida (2003) e Mauss (2003) para se concluir esta pesquisa, a hospitalidade põe em xeque o outro cultural, e a partir dela é que se pode transformar os meios e universalizar a tentativa de entender o mundo cultural.

Ou seja, a hospitalidade pressupõe acolhimento humano e o acolhimento pressupõe querer entender o outro e meio social a partir das suas condições de ser o outro, suas diferenças e sua carga cultural. A liberdade no acolhimento faz parte da dinâmica da dádiva e, assim como nos demais lugares, o ambiente acadêmico carece de ser um lugar democrático, de liberdade e sobretudo, de ver e enxergar o outro de maneira humanizada.

A hospitalidade é uma sociabilidade e deve ser entendida como fato de transformação social. O acolhimento acadêmico transforma, possibilita que os estudantes queiram continuar ali, bem como se sentir libertos para serem quem é, com quem estiver.

A Universidade deve unir suas instâncias de ensino, pesquisa e extensão para promover maneiras práticas de hospitalidade, permitindo que os estudantes vivenciem além da teoria as práticas de acolher o outro, se humanizem e entendam que a hospitalidade não é uma virtude dada apenas entre iguais. Além disso, a atuação de políticas públicas no ambiente da Universidade é importante para que estas atividades e práticas pedagógicas sejam estimuladas.

A questão da hospitalidade é ponto central para que todas as outras dinâmicas aconteçam de forma produtiva. Em um mundo em que as relações se encontram cada vez mais abstratas e superficiais, os laços acadêmicos surgem como uma forma de reverter estas condições, mostrando que o outro social pode permitir que sejamos seres mais livres, mais cordiais, disponíveis e acolhedores. Conclui-se que a Universidade, enquanto um lugar de diferenças sociais e questionamentos políticos, deve ser um local de (trans)formação e (des)construção em relação ao outro - diferente do meu eu - de modo que a hospitalidade - em seu plural nós - é um fenômeno transgressor para humanizar os conflitos internos e democratizar o paradigma acadêmico social. Desconstruir os paradigmas, significa desfazer os

princípios estabelecidos pelas tradições sociais, reconstruir pensamentos que estão enraizados, formando fronteiras e preconceitos em relação aos comportamentos alheios.

O presente trabalho sugere que futuras reflexões sejam realizadas, tanto no âmbito das Ciências Sociais compreendendo profundamente sobre o conceito de hospitalidade acadêmica vista de outras perspectivas, como no da Arquitetura, já que os espaços edificados da Universidade de Ouro Preto foram vistos como locais que não permitem a interação social, diante do termo já constituído como arquitetura hostil. Além da dimensão moral do assistencialismo, estudos no campo do direito, no que concerne ao direito de assistência social são fundamentais. Isso aponta para novos estudos futuros, haja vista que a hospitalidade está diretamente ligada ao conforto, acessibilidade e a possibilidade de manter relações e interagir com o meio social nos espaços públicos. Somente a partir desses paradigmas a universidade pode se tornar um lugar de hospitalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Isabel, AZEVEDO, Joaquim. Educação e Hospitalidade, Interpelações de Pedagogia Social. In: SANTOS, Maria Capellano, BAPTISTA, Isabel. **Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p.143-148.

_____. Isabel. Lugares de hospitalidade. In: Dias, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

BARBOSA, Gustavo Egypto. **A cultura da hospitalidade como fundamento do bom relacionamento na hotelaria**. São Paulo, 2007. (Dissertação de Mestrado em Administração de Empresas) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração de Empresas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. São Paulo, 2019.

BRAGA, de B. A. B. Camila, Caetano de Souza, Mirella, Benedini Brusadin, Leandro. **Identidade cultural gestão participativa na ótica do turismo**. Gestión Turística [en línea]. 2013, (19), 57-84[fecha de Consulta 10 de Marzo de 2021]. ISSN: 0717-1811.

BRUSADIN, L. B., & PANOSSO Netto, A. (2017). **O sacrifício e o espírito das coisas perante o dom e a hospitalidade: (des)entendimentos científicos**. In L. B. Brusadin (Org.). Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento. Paraná: Editora Prisma.

_____. L.B. **O Estudo da Hospitalidade (...)**. Revista Hospitalidade. São Paulo, volume 13, n.02, p. 242-247, agosto de 2016.

_____. Leandro Benedini e NETTO, Alexandre Panosso. **La Dádiva y el Intercambio Simbólico. Estudios y Perspectiva em Turismo**. Buenos Aires, vol. 25, p. 520-538, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003a.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti, Bueno, Marielys Siqueira (Orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. Luiz Octávio de Lima. **“Hospitalidade”**. (Coleção ABC do Turismo), São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Luiz Octávio de Lima. **A pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez. 2007.

_____. Luiz Octávio de Lima. Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. In: Dias, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

CASTELLI, Geraldo. **Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria**. Porto Alegre: Saraiva, 2006.

COMANDULLI, Sandra Patricia Eder. **A ética da hospitalidade no acolhimento do outro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

DENCKER, Ada e BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. Ed. Pioneira Thomson, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. Jacques. Nada de Hospitalidade, Passo da Hospitalidade. In: Dufourmantelle, Anne. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Célia M. de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade In. Dias, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

DIAS, Mayara; BRUSADIN, Leandro B., (2020). **A hospitalidade acadêmica da Universidade Federal de Ouro Preto**: estudo das relações e práticas de acolhimento institucional em uma perspectiva sociológica.

DUTRA, Pedro Zille. **O Pensamento de Derrida e a Hospitalidade**: Análise da recepção de calouros no curso de Hotelaria na Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2008. (Dissertação de Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAGUNDES, Esnel José. **Hotelaria e hospitalidade**: novos campos de expansão para a atuação do profissional de relações públicas. Cambiassu – Edição Eletrônica Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - São Luís - MA, 2009.

FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. (2015). **Vivências Escolares de Jovens Homossexuais Afeminados**: Estratégias de Resistência e Permanência.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008

GRASSI, Marie-Claire. Uma figura da ambiguidade e do estranho. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2011. p. 55-62.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade.** Revista Hospitalidade, São Paulo, ano III, nº 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

_____. Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: Dias, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas.** São Paulo: Manole, 2002.

_____. Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo.** São Paulo: Aleph, 2007.

KOAKOSKI, Yan Cássio. **O itinerário da subjetividade acolhedora: do acolhimento à hospitalidade de Emmanuel Levinas a Jacques Derrida.** Caxias do Sul, 2018. (Dissertação de Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul - UCS.

LANNA, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva.** Rev. Sociol. Polit. [online]. 2000, n.14, pp.173-194.

LASHLEY, Conrad Morrison. A. (Orgs) **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado.** Barueri, SP: Manole, 2004.

_____. Conrad Morrison. **Hospitalidade e hospitabilidade.** Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 70-92, mai. 2015.

LIMA, M.A.D. da S. et al. **A utilização da observação participante.** R. Gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.20, n. esp., p.130-142, 1999

LOPES, Alice Casemiro, Marcos Siscar (orgs.) **Pensando a política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir -** São Paulo: Cortez, 2018.

MAUSS, Marcel. **Ensaio Sobre a Dádiva.** Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MIRANDA, José Valdeinei Albuquerque. **Ética da alteridade e o paradoxo da hospitalidade ao outro na educação.** Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 406-419, maio/ago. 2016.

MONTANDON, Alain. Hospitalidade: ontem e hoje. In DENCKER. Ada F.M. BUENO; M.S (Orgs) **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades.** São Paulo: Pioneira-Thomson, 2003.

NUNES, Ginete C.; NASCIMENTO, Maria Cristina D.; LUZ, Maria Aparecida C.A. **Pesquisa Científica: conceitos básicos.** Id on Line Revista de Psicologia, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 144-151. ISSN 1981-1179.

PERROT, Danielle. Hospitalidade e reciprocidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas.** Trad. de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac, 2011.

PIMENTEL, Ana Bauberger; BARBOSA, Ruth; SANSOLO, Davis Gruber; & IRVING, Marta Azevedo. (2007). **Dádiva e Hospitalidade.** Caderno Virtual de Turismo, Vol 7, n.3.

RAYNAL, Marie. **Entrevista com Anne Gotman**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. X, n. 1, p. 146-157, jun. 2013.

RODRIGUES, Jéferson Ferreira. **Alarga o Espaço da tua tenda: uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa**. 2015, pg. 96. Dissertação Mestrado em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Gabrielly Paiva S. dos; SOUZA, Caio Fernando V. de; LIMA, Catiane Lopes de. (2019). **Hospitalidade acadêmica: Desafios e perspectivas**. In: (Org.) BARROS, Aline Gisele Azevedo Lima de; SILVA, Márcia Félix da. Hospitalidade oportunidades e desafios. João Pessoa: Editora CCTA

SCHLEICH, A. L. (2006). **Integração na educação superior e satisfação acadêmica de estudantes ingressantes e concluintes**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas.

SILVA, Alessandro Soares da. **Marchando pelo Arco-Íris da política: A Parada do Orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal**. 2006. 614 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, G. P. C; BRUSADIN, L. B. **Os espaços da hospitalidade e as representações da mineiridade nas repúblicas estudantis de Ouro Preto (MG)**. 141-161 p. Artigo Científico. Revista Cenário – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais / Tomaz Tadeu da Silva (Org.)** Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMÕES, Julio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SPOLON, A.P.G. **Sobre os benefícios do diálogo interdisciplinar e do exercício da hospitalidade no ambiente acadêmico**. Caderno Virtual de Turismo. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.97-s.106, nov. 2014.

STEFANELLI, M. M. C. **Lugar de hospitalidade na cidade: acolhimento aos i-migrantes na Missão Paz – São Paulo/SP (2004-2014)**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembi Morumbi. 2015

STEFANELLI, M. M. C.; BASTOS, S. **Missão Paz: lugar de Hospitalidade e Acolhimento aos I-Migrantes na Cidade de São Paulo, SP**. Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, v. 8, n. 3, p. 256-273, 2016.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitalidade”. In: LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alison (orgs.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas de um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista



Roteiro de Entrevista

- 1 - O que você enxerga sobre hospitalidade na UFOP para com o público LGBTQI+?
- 2 - Como é ser um estudante LGBTQI+ na UFOP?
- 3 - Quais as práticas de acolhimento que te inserem dentro da Universidade e como elas se dão?
- 4 - Quais fronteiras sustentam a separação entre o público heteronormativo e o outro (LGBTQI+)?
- 5 - De que forma as tradições da Universidade são hostis e ou acolhedoras diante da alteridade?
- 6 - As relações de troca, o afeto e a disponibilidade das pessoas é algo fundamental para você querer estar e continuar no espaço acadêmico?
- 7 - Você conhece política de assistência estudantil ao público LGBTQI+ na UFOP? Se sim, quais?
- 8 - De que forma a Universidade poderia transformar a realidade acadêmica a partir das práticas de hospitalidade?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A hospitalidade acadêmica ao público LGBTQI+: entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)”, orientada pelo Prof. Dr. Leandro Benediti Brusadin, do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Para a realização deste trabalho coletaremos informações, por meio de uma entrevista, com pessoas do referido público estudado. Sua participação neste estudo é voluntária. Se você não quiser participar, pode recusar a qualquer momento, sem qualquer problema. Se você aceitar participar desta pesquisa, contribuirá não apenas com uma discussão acadêmica sobre hospitalidade acadêmica, mas tais resultados gerados no Trabalho de Conclusão de Curso poderão colaborar com futuras reflexões importantes para o estudo.

Caso autorize, a entrevista será gravada, de modo que o entrevistador não perca os detalhes do que será informado. Os entrevistados não serão divulgados, apenas as suas falas, contextualizando-as com autores da respectiva temática.

Ouro Preto, 17 de março de 2021.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Ana Beatriz M. S. de Almeida
Graduanda em Turismo – UFOP
E-mail: ana.beatriz1@aluno.ufop.edu.br